



ANO 4 | Nº 47 | MAIO DE 2017 | R\$ 12,00

O guerreiro

Filipe Camarão, ou índio Poti, estrategista que conquistou territórios e vingou os mártires de Cunhaú e Uruaçu

CAPELAS

Construídas em nome de promessas, muitas estão abandonas no RN

Orgulho Potiguar

Acari, a cidade mais limpa do Brasil

DOM PEDRITO

No Alecrim, churrascaria gaúcha fez história em Natal

WILSON SIMONAL

Da fama ao ostracismo, escolheu Natal como refúgio. Sofreu injustiça e compôs músicas ainda inéditas, com apoio do grande amigo João Santana

Além dos títulos

BELA E SORRIDENTE, JULIANNE FARIA, SECRETÁRIA DE ESTADO E PRIMEIRA-DAMA DO RN, SEMPRE ATUOU NOS BASTIDORES DAS CAMPANHAS DO MARIDO. ATÉ QUE EM 2014 PASSOU A SER PERSONAGEM MAIS VISADA NA POLÍTICA POTIGUAR. COM EXCESSO DE SINCERIDADE, NÃO TEME OS CONTRÁRIOS PARA DEFENDER O GOVERNO ROBINSON FARIA

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA

TRANSPARÊNCIA
E ECONOMIA
PELO BEM DO
RIO GRANDE DO NORTE.

A gestão moderna da Assembleia Legislativa promoveu a **transparência**,
a economia de gastos e uma ampla **reforma administrativa** na Casa do Povo.
Graças à economia gerada pelo **corte de gastos**, a atual gestão ficou
abaixo do limite prudencial e pôde investir, com a **aprovação**
dos 24 deputados, em importantes ações em benefício da população.



Rio Grande do Norte
Assembleia Legislativa



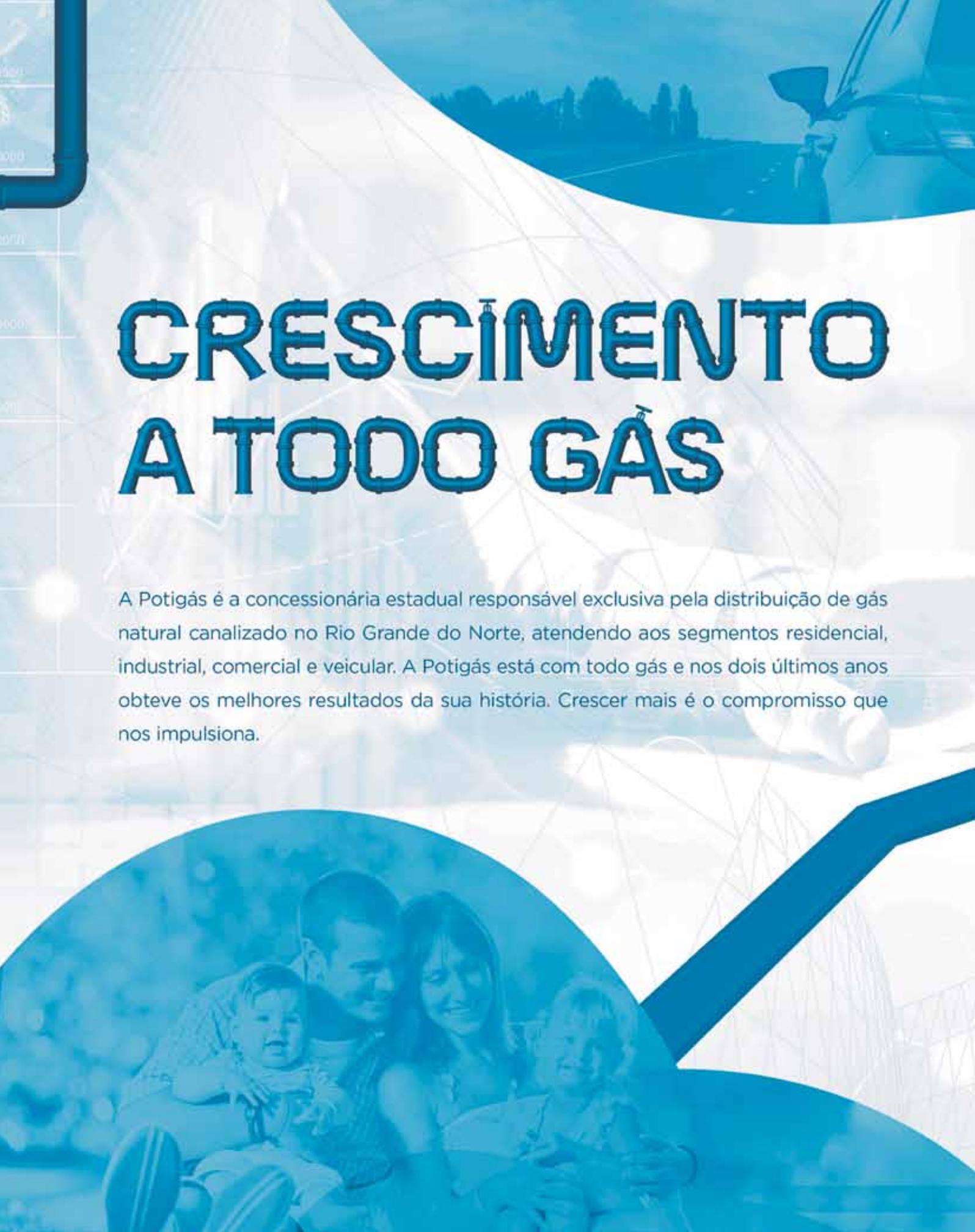
assembleiarn



www.al.rn.gov.br



É o Poder
Legislativo dando
a sua contribuição
à Sociedade
e trabalhando
pelo bem-estar
e o **Desenvolvimento
do Rio Grande
do Norte.**



CRESCIMENTO A TODO GÁS

A Potigás é a concessionária estadual responsável exclusiva pela distribuição de gás natural canalizado no Rio Grande do Norte, atendendo aos segmentos residencial, industrial, comercial e veicular. A Potigás está com todo gás e nos dois últimos anos obteve os melhores resultados da sua história. Crescer mais é o compromisso que nos impulsiona.

- 
- ✓ 400 KM DE GASODUTOS DE DISTRIBUIÇÃO.
 - ✓ MAIS DE 18 MIL CLIENTES ATENDIDOS EM CONDOMÍNIOS, INDÚSTRIAS, COMÉRCIOS E POSTOS GNV.
 - ✓ EM 2016, FOI REGISTRADO O MELHOR DESEMPENHO DA HISTÓRIA DE 23 ANOS DA POTIGÁS.



POTIGÁS
COMPANHIA POTIGUAR DE GÁS

www.potigas.com.br | 84 3204.8500

MULHERES E POLÍTICA II

NA ÚLTIMA EDIÇÃO, FALAMOS sobre mulher e política. Na capa e no recheio, as vereadoras da Câmara Municipal de Natal se reuniram e contaram suas histórias. Este mês, o tema continua, mas em outra configuração. Dos bastidores de campanhas e articulações políticas a dois títulos, secretária de estado e primeira-dama do Rio Grande do Norte, Julianne Faria é clara ao dizer “trabalho para o meu marido”. A frase é dita ao explicar sua atividade política em prol do governo e descartar candidaturas próprias. Ela é mãe de três filhos com Robinson Faria - Maria Fernanda, Malu e Gabriel. Está com o governador desde os 17 anos de idade, quando começaram a namorar. Depois de estudar matemática e economia, graduou-se em informática. No texto de Leonardo Dantas, a postura de Julianne é contada e você acompanha nas próximas páginas.

Personagem ilustre, aquele que dá nome aos potiguares, índio guerreiro e reverenciado até por inimigos, Filipe Camarão, ou Poti, tem muitas histórias que parecem saídas de livros de aventuras. Rafael Barbosa conversou com um historiador especialista no período de invasão holandesa no Brasil e resgata essa rica memória.

Também na sessão memória, linhas que levamos muito a sério, pois preservar a história, aqui, é prioridade. Temos matéria sobre Wilson Simonal e a sua relação com Natal. As capelas espalhadas pelo RN - muitas abandonadas. A churrasceria Dom Pedrito, que foi point em Natal com a tradicional culinária gaúcha, também nas páginas da Bzzz.

Além disso, toda a pluralidade de sempre: moda, arquitetura, turismo, cultura, política. E, claro, com roda a velha vontade de contar as melhores histórias.

Ótima leitura a todos,
Equipe Bzzz

Alice Lima
editora-assistente

EXPEDIENTE

PUBLICAÇÃO:
JEL COMUNICAÇÃO

BZZZ ONLINE
ATUALIZAÇÃO DIÁRIA E BLOGS
www.portaldaabelhinha.com.br

 @revistabzzz

 Revista Bzzz

SUGESTÕES DE PAUTA,
CRÍTICAS E ELOGIOS:
revistabzzz@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA
ELIANA LIMA
elianalima@portaldaabelhinha.com.br

EDITORA INTERINA
ALICE LIMA

PROJ. E DIAGRAMAÇÃO
TERCEIRIZE EDITORA
www.terceirize.com

COMERCIAL
EDILÚCIA DANTAS
(84) 99996 5859

COLABORARAM COM ESTA EDIÇÃO
CAMILA PIMENTEL, CÍCERO OLIVEIRA,
LEONARDO DANTAS, MARINA GURGEL,
NICOLAU FREDERICO DE SOUZA, OCTÁVIO
SANTIAGO, RAFAEL BARBOSA, THEMIS LIMA,
VÂNIA MARINHO, WELLINGTON FERNANDES

FOTO DA CAPA
CÍCERO OLIVEIRA

FOTOS
BRUNNA BROK, CÍCERO OLIVEIRA,
GUSTAVO GRACINDO, JOÃO NETO,
MARTIN HERNANDEZ, PAULO LIMA,
TELMO XIMENES E THEMIS LIMA

GRÁFICA
UNIGRÁFICA

TIRAGEM
6.000 EXEMPLARES

PROCEDIMENTOS DE ALTA COMPLEXIDADE?

*SIMPLES:
Hospital do Coração.*

Há momentos na vida em que a melhor decisão é também a mais segura. Nessas horas, você sempre pode contar com o Hospital do Coração.

Centro Cirúrgico com filtros antibacterianos, UTI com boxes individualizados, Ressonância Magnética de última geração e o único da cidade com duas salas de hemodinâmica. Uma super estrutura que realiza, com equipes especializadas, mais de nove mil procedimentos de alta complexidade por ano. Números que confirmam: se o momento é difícil, a escolha é simples. Hospital do Coração.

- Urgência 24 horas
- Transplantes de órgãos
- Check-up Executivo

 **HOSPITAL
DO CORAÇÃO**
Especializado em você.

(84) 4009-2000
hospitaldocoracao.com.br





18

Museu do Holocausto

Em Curitiba (PR), espaço expõe exemplo de coragem e garra de sobreviventes que vieram para o Brasil



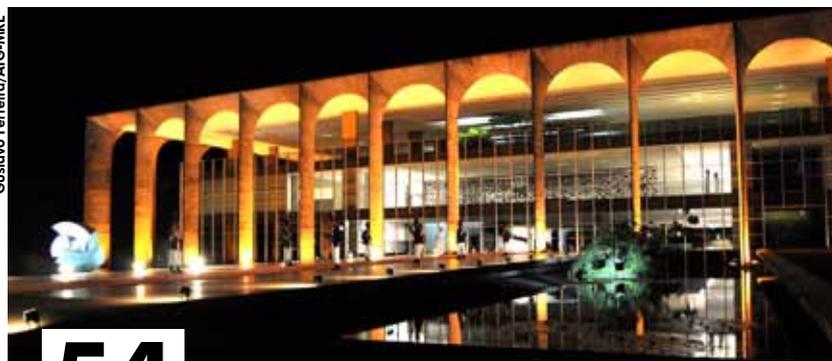
Martin Hernandez/Divulgação

62

Série de turismo

Buenos Aires é o primeiro destino de uma jornalista com mochila nas costas e bebê na barriga

Gustavo Ferreira/AIG-MRE



54

Palácio Itamaraty

Construção que abriga diplomatas é uma das mais belas da capital federal

Telmo Ximenes



72

Gastronomia

Com pimenta e especiarias, Restaurante El Paso reúne comida mexicana e peruana em Brasília

Cícero Oliveira



78

Moda

O que usar no outono-inverno de cidades com altas temperaturas o ano inteiro



86

Arquitetura

Projeto de ambientação das arquitetas Daniela Othon e Ingrid Maciel

maio amarelo

ATENÇÃO PELA VIDA



Maio Amarelo é o movimento que chama a sua atenção para o alto índice de mortos e feridos no trânsito. Por isso, convidamos você a diminuir essa estatística.

- Use sempre o cinto de segurança e o capacete;
- Respeite a faixa de pedestres, os limites de velocidade e a sinalização;
- Obedeça à distância mínima de 1,5 m do ciclista;
- Evite brigas e discussões nas vias;
- Nunca use o celular enquanto dirige;
- Não misture álcool e direção.

Faça parte deste movimento!

Seja um motorista consciente e ajude a trazer resultados positivos para o nosso trânsito.

#MinhaEscolhaFazADiferença





ELIANA LIMA

EM GUERRA

Diante do perigo do cyberataque que assusta o mundo, o executivo Roberto Viana, que por 25 anos gerenciou a multinacional Unisys em Natal, alerta que os “ataques cibernéticos não são novidade para quem atua na área”, e que há muito alertam “empresas e instituições governamentais”.



Divulgação

TNT

Atenta que “a terceira guerra mundial já foi ‘startada’”, com a invasão eletrônica, e “esta ‘não tem mais volta’”. Segundo o especialista, esse estrago feito há pouco já vem acontecendo há muitos anos e “só tende a piorar”.

Alerta máximo

“A 3ª Guerra Mundial já começou, sem fuzis, sem tanques e armas atômicas. Bilhões de dólares estão em risco. A segurança de voo, de veículos guiados por computadores, trens, fábricas que utilizam robótica etc. Não sou o cavaleiro do apocalipse, mas temos estudado muito sobre o tema”.

Recursos

Uma das ferramentas que incentivam os ataques é a criada moeda eletrônica chamada ‘Bitcoins’. Com ela, os hackers do mal aproveitam para cobrar resgates das chantagens que fazem após invadirem sites. “A nova moeda não tem como ser rastreada”, afirma.

Preocupante

Viana conta que é comum ver “empresas e instituições usando software sem licença, os conhecidos SW pirata, ou com licença vencida”. Chama atenção de que “enquanto as instituições deveriam especializar ou contratar profissionais de defesa cibernética, preferem gastar milhões com a compra de sala cofre”. Enfático: “Este é o tipo de aquisição feita no serviço público, especialmente no Judiciário”. Essa preocupação existe de verdade nos Estados Unidos. Lá o uso de software pirata dá cadeia.

NÓ DESATADO

A possibilidade de o Rio Grande do Norte ganhar mais uma cadeira na Câmara dos Deputados acalmou ânimos em famílias locais. Disputas internas já causavam grandes desgastes. Quem está fora quer entrar e quem está dentro não quer sair. Com uma cadeira a mais, reconsidera-se a opção de múltiplas candidaturas.

RESERVA TÉCNICA

Enfrentando entraves jurídicos para a sua reeleição no próximo ano, o deputado estadual Disson Lisboa (PSD) poderá indicar a sua esposa, Flávia Lisboa, atual titular da Secretaria do Estado de Políticas para a Mulher, na corrida por uma das cadeiras na Assembleia Legislativa do Estado. Flávia ganha visibilidade com o bom trabalho à frente da defesa dos Direitos da Mulher, o que pode facilitar essa substituição.



MARCHA A RÉ

País em chamas com a Lava Jato. Porém, entretanto, todavia, já há um número considerável de deputados federais e senadores defendendo o retorno do financiamento privado de campanha. A nova reforma política, que deve ser votada ainda neste semestre, traz essa possibilidade. Testada em 2016, a mudança resultou em disputas econômicas e caixas dois desenfreados.

LIBERDADE

Os votos recentes do deputado federal Walter Alves (PMDB) na Câmara dos Deputados têm chamado a atenção dos mais atentos. Ultimamente, não é difícil vê-lo votar contrariamente aos interesses do governo federal.

João Gilberto/ALRN



POTIS

Analistas políticos falam que praticamente não existe oposição ao governo do Rio Grande do Norte. Há muitas ações nos bastidores, no entanto, sem grandes alardes públicos. Até hoje o governador Robinson Faria não sabe quem serão seus adversários em 2018. Fala-se no prefeito de Natal, Carlos Eduardo Alves (PDT), mas até agora nada confirmado.

Divulgação



AMOS TRABALHAR?

Parece que o prefeito de São Paulo, João Doria, criou uma espécie de antídoto para a política brasileira. Em Brasília, existe grupo procurando um Doria para ser candidato ao governo do Distrito Federal. Um empresário com uma história de sucesso.

VIÉS DE ALTA

E na terra dos potis-eleitores, alguns nomes já despontam nos escaninhos das articulações para serem chamados de nosso Doria. Surgem nomes de empresários bem sucedidos como Marcelo Alecrim (Grupo ALE), Paulo de Paula, Marcelo Queiróz (Fecomércio), Antônio Gentil (Gentil Negócios), e outros com menos repercussão nos holofotes, mas com histórico de sucesso, como Uelington Ribeiro (Companhia do Mármore e Hermes 880).



Marcelo Alecrim



Paulo de Paula



Marcelo Queiróz



Antônio Gentil

Fotos: Divulgação



Poti, o incansável guerreiro

Por Rafael Barbosa

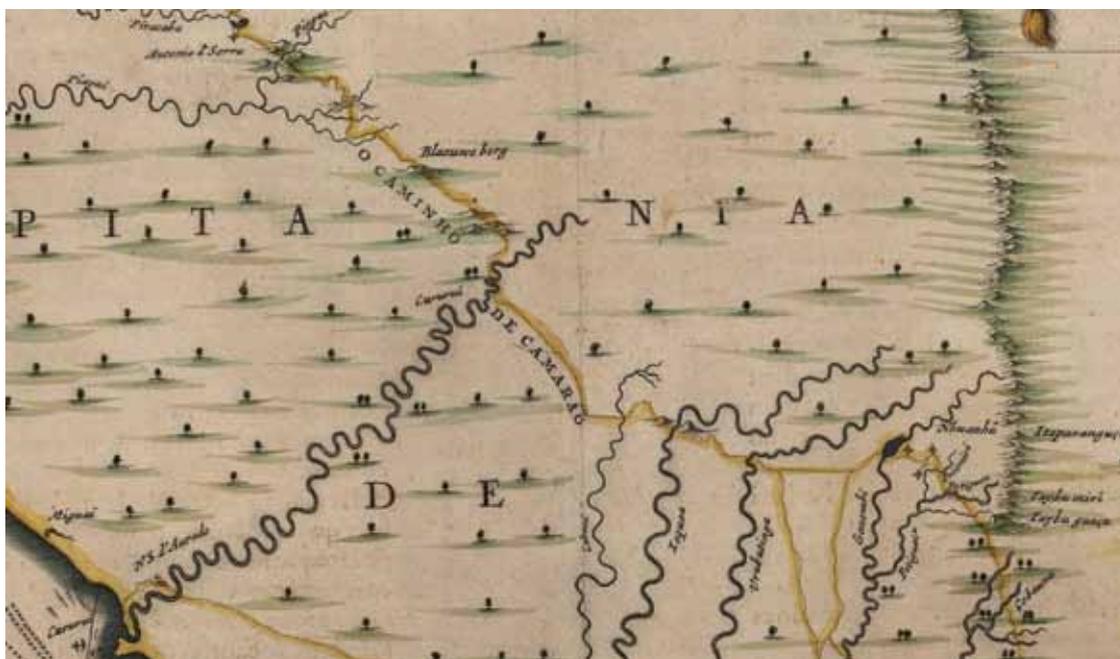
Batizado de Filipe Camarão, o índio reconhecido por expulsar holandeses do Nordeste brasileiro é reverenciado no país europeu pela sua garra e estratégia de guerrilha

O ANÚNCIO DA CANONIZAÇÃO dos beatos que foram vítimas dos massacres de Cunhaú e Uruaçu, feito em março passado, provocou o retorno do episódio histórico ao noticiário. Contudo, há um personagem de uma parte dessa história de quem se tem menos notícia quando o assunto é abordado. Naqueles tempos, na primeira metade do século XVII, havia em terras brasileiras um índio guerreiro da tribo potiguara que lutou para expulsar os holandeses da colônia. Dentre as tantas batalhas que participou, Filipe Camarão (o índio Poti, em Tupi) comandou tropas em uma incursão de revide ao massacre na então capitania do Rio Grande, com ordem de dar resposta violenta à chacina promovida pelos invasores da Holanda. Não à toa, o Rio Grande do Norte também é chamado de “terra de Poti”.

A relação de fidelidade do indígena para com os portugueses que cá viviam naquele Brasil colonial, até chegar à frente de batalha contra as invasões, no entanto, começou bem antes. De acordo com o pesquisador Levy Pereira,

que é colaborador da Universidade de Brasília (UnB) em estudos relacionados à presença dos holandeses no país, Antônio Filipe Camarão, o índio Poti (Camarão), nasceu entre 1600 e 1601, membro de uma linhagem de líderes de povos indígenas que habitavam a colônia.

Ele foi criado na Aldeia de Meretibe, na capitania de Pernambuco, por jesuítas, onde cresceu sob forte influência da cultura europeia, aprendeu a ler e a escrever português, na língua geral e alguns rudimentos de latim. Por lá foi treinado para a guerra e trocou o nome de índio pelo que lhe foi dado em batismo. Aprendeu a atirar, foi treinado para a guerra. “Tornou-se um católico ortodoxo”, complementa Levy. Para a História, o período de maior relevância da vida de Filipe Camarão se deu durante a chamada Invasão Holandesa. Trata-se de um recorte histórico em que no Brasil houve diversas batalhas de resistência aos holandeses, que tentavam conquistar e colonizar as terras do açúcar, substituindo o domínio português.



O caminho de Camarão no fragmento do mapa da capitania pernambucana

Levy Pereira explica que, nesse contexto, anos depois do contato dos índios com os primeiros colonizadores havia grupos de nativos que se juntaram aos portugueses e outros que lhes tinham ressentimento, por conta das diversas batalhas e matanças que aconteceram ainda no século XVI. Em 1625 foi posta à prova pela primeira vez a lealdade do guerreiro. Por ordem dos europeus, comandou tropas contra portugueses e indígenas tidos como traidores por apoiarem neerlandeses. Na Baía da Traição, na Paraíba, Camarão matou um tio que estava entre os traidores. Segundo conta o pesquisador, a linhagem de lideranças dos índios se dividiu no período da Invasão Holandesa, ficando parte deles ao lado dos recém-chegados europeus e os demais junto com os colonos e os estrangeiros que já tinham se firmado por aqui.

Cinco anos mais tarde, Filipe Camarão foi convocado para combater, ao lado dos exércitos ibéricos e moradores de Pernambuco, os holandeses que se estabeleceram em Olinda e no Recife. “Naquele tempo, as pessoas, os colonos, eram praticamente obrigadas a participar dessas tropas auxiliares”, diz Levy. “Camarão foi treinado, conhecia muito bem a forma de guerra indígena, mas também é um dos primeiros a superar aquela estranheza com o uso de arma de fogo. Estava apto, sempre usou o melhor que podia.

Ele aliou os conhecimentos de guerra indígena aos dos europeus”.

“Camarão conhecia muito bem a forma de guerra indígena, mas também é um dos primeiros nativos a utilizar eficazmente armas de fogo na guerra. Líder natural, muito hábil, aprendeu a organizar suas forças empregando mosquetes e armas nativas. Ele aliou magistralmente os conhecimentos de guerra indígena aos dos europeus adaptando-os ao nosso ambiente”, detalha Pereira.

As frentes que foram montadas na capitania pernambucana tinham a intenção de evitar que os holandeses chegassem às produções de açúcar, principal objetivo deles. “Fizeram um cerco de Olinda até o Recife. Camarão comandou a companhia de emboscada baseada na Estância de Santo



Levy Pereira, pesquisador

Amaro”, lembra Pereira. Nos anos que se seguiram, a História não tem muitas notícias sobre Filipe Camarão. Sabe-se que ele permaneceu em Pernambuco na linha de contenção dos inimigos, entretanto não há qualquer outra informação mais precisa.



Cerco aos holandeses formado por Poti

Resposta aos massacres

O revide aos massacres de Cunhaú e Uruaçu aconteceu em 1645, meses após a matança. Em duas oportunidades o índio chefiou os homens que vieram à capitania do Rio Grande destruir tudo o que fosse de holandês no meio do caminho.

A partir desse ano a ofensiva dos exércitos brasileiros passou a ter mais êxito e o massacre foi uma tentativa dos europeus da Holanda de dar uma resposta. Em várias batalhas, dentre as quais houve, em algumas, a participa-

ção de Filipe Camarão, as tropas conseguiram deixar os holandeses com o domínio somente do Recife e Itamaracá.

A Batalha dos Guararapes, em Pernambuco, no ano de 1648, foi entre as mais importantes para a expulsão dos inimigos de Camarão. O índio guerreiro participou do embate e, segundo consta nos registros históricos, morreu meses depois. “Provavelmente por algum ferimento provocado na guerra ou alguma doença que tenha contraído”, acredita Levy Pereira.



Reprodução pintura de Victor Meireles

Respeitado e temido pelos inimigos

Dez anos após o primeiro ataque ao Brasil, os holandeses, que resistiam batalha a batalha, conseguiram conquistar as capitanias do Rio Grande, tomando o Forte dos Reis Magos, a Paraíba e parte da de Pernambuco, incluindo aí a Ilha de Itamaracá. “Em maio de 1635, eles tomaram o Arraial do Bom Jesus, que impedia o acesso ao açúcar na Várzea (Pernambuco)”, detalha o pesquisador.

Os europeus da Holanda foram se fortalecendo e tomando para o seu comando vários engenhos importantes para o comércio do açúcar. O avanço continuou. “Em 1635, Filipe Camarão lutou contra os holandeses em pequenas ações”. O índio participou de vitórias e

derrotas e acumulou condecorações em sua carreira no front dos exércitos de apoio aos portugueses, inclusive a patente de Capitão-Mor dos Índios Potiguares.

Em 1636, Camarão começou a campanha na região de Goiana, em Pernambuco. Como era sabido que os holandeses ocupavam o litoral brasileiro, o capitão-mor dos índios resolveu por em prática os conhecimentos que aprendeu com os antepassados. “Ele conhecia os caminhos indígenas pelo interior, e chegou a Goiana por trás. Quem estava lá eram os holandeses, que haviam tomado o território e começado a tocar engenho, produzir açúcar. Camarão foi

para lá e tocou fogo nos canaviais, matou os inimigos, assaltou... Fez o que chamam de guerrilha”.

Foi no ano de 1636 que Filipe Camarão passou a ser respeitado pelos holandeses. Durante a batalha de Terra Nova, conseguiu vencer uma tropa mais forte e bem armada somente usando estratégia, sem sequer precisar de um embate. “A tropa enganada era comandada por um dos melhores comandantes neerlandeses, o coronel Cristofle d’Artichau Arciszewski”.

Profundo conhecedor do terreno, Camarão manobrou de povoado a povoado, conquistando cada ponto que tinha bandeira holandesa e enganando o reforço dos inimigos.

“Quando o Arciszewki chegava ao local, Filipe Camarão e sua tropa já tinham saído dali. Camarão bateu o coronel na manobra, era um brilhante estrategista”, destaca Levy. Arciszewki e seus homens padeceram ao cansaço e à fome. Parte do exército acabou morrendo sem sequer partir para a briga. “Isso aqui é o que eu como pesquisador e também os historiadores achamos que foi o motivo do grande respeito que eles tinham por Filipe Camarão”.

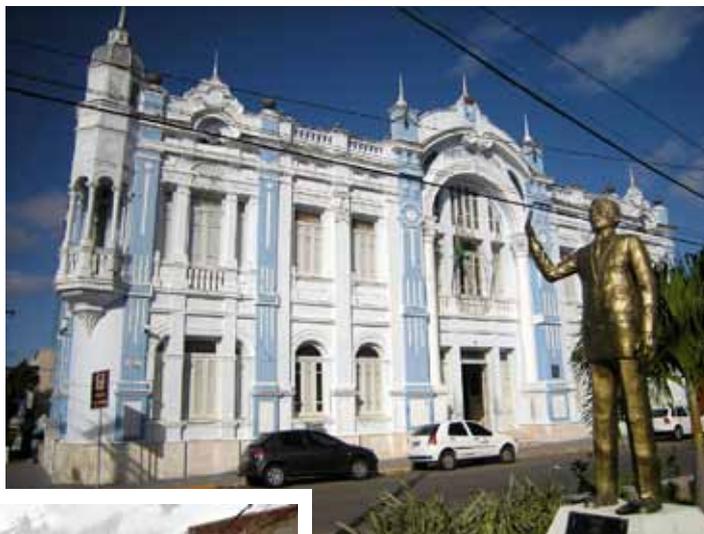
Em 1637, o índio guerreiro também participou de um embate contra o conde Maurício de Nassau, que veio para o Brasil administrar as terras conquistadas pelos holandeses. Filipe Camarão lutou e perdeu

na guerra que aconteceu em Porto Calvo. De acordo com Levy Pereira, Nassau vinha de vitórias em outras localidades e, depois de 16 dias de luta, tomou Porto Calvo. No ano seguinte, Camarão conseguiu uma revanche, em Salvador, na Bahia. O índio Potiguaçu participou da disputa que derrotou o exército que representava a Holanda, apesar de ser composto majoritariamente por mercenários, sob o comando do conde Nassau. O período da invasão holandesa foi bastante conturbado no Brasil, portanto, perder ou vencer uma batalha não necessariamente era ganhar a guerra. Durante esse tempo houve um constante perde e ganha de território dos dois lados.

Filipe Camarão ficou recolhido no interior de Sergipe, realizando campanhas de ataques pontuais a engenhos e locais em que estavam os homens da Holanda. O mapa produzido pelos holandeses em 1640, inclusive, consta duas menções ao índio Poti. Em uma parte se referiam a uma determinada região como sendo o “Curral de Camarão”, que era o lugar em que ele vivia. Além disso, também é mencionado o “Caminho de Camarão”, trilha utilizada por ele no interior das capitanias. “Aí você vê o respeito que eles tinham por Camarão, colocando o nome do inimigo em um mapa para uso deles mesmos”, destaca Pereira.

Homenagens

Respeitado por inimigos e aliados, o índio Poti até hoje é lembrado na capital potiguar, que leva esse nome por causa de sua tribo. Como homenagem, um bairro da zona Oeste de Natal foi batizado de Felipe Camarão, com grafia diferente da original, assim como também é chamada a sede da prefeitura – Palácio Felipe Camarão – e a 7.ª Brigada de Infantaria Motorizada do Exército, Brigada Felipe Camarão.



Palácio Felipe Camarão,
sede da Prefeitura do Natal



Bairro de Felipe Camarão,
Zona Oeste de Natal

Polêmica do nascimento

A importância histórica de Filipe Camarão é tanta que até hoje Rio Grande do Norte e Pernambuco disputam para saber onde nasceu o índio Poti. De acordo com Levy Pereira, ainda não há nada definitivamente comprovado.

O historiador Francisco Pereira da Costa, autor de “Os Anais Pernambucanos”, afirma que Camarão nasceu na Aldeia de Meretibe, local onde viveu por muito tempo até iniciar as campanhas contra os holandeses.

Por outro lado, o historiador caicoense Olavo de Medeiros Filho cita em seu artigo “Os dois Camarões da nossa história” uma conversa com o recifense José Antônio Gonsalves de Mello, referência nos estudos do Brasil Holandês, que comprovaria a natalidade potiguar de Filipe Camarão.

Segundo consta no artigo, Gonsalves de Mello teria dito a Olavo de Medeiros que encontrara uma carta em Simancas, na Espanha, em que Poti falava de seu pai. O documento teria a reconhecida assinatura do índio guerreiro.

Na carta escrita em espanhol, Filipe Camarão teria dito que seu pai morrera na “Jornada do Maranhão, sem prêmio”.



Retrato anônimo de Filipe Camarão, do século XVII, no Museu do Estado de Pernambuco

A afirmação leva os estudiosos a crerem que o pai dele é o índio Potiguaçu.

Isso porque há documentos que informam sobre a morte desse índio na retomada do Maranhão, batalha que aconteceu em 1612. Os documentos mostram que Potiguaçu sequer chegou à capitania maranhense, morreu enquanto ainda ia para lá, explica Levy Pereira.

Potiguaçu foi, reconhecidamente, um dos maiores líde-

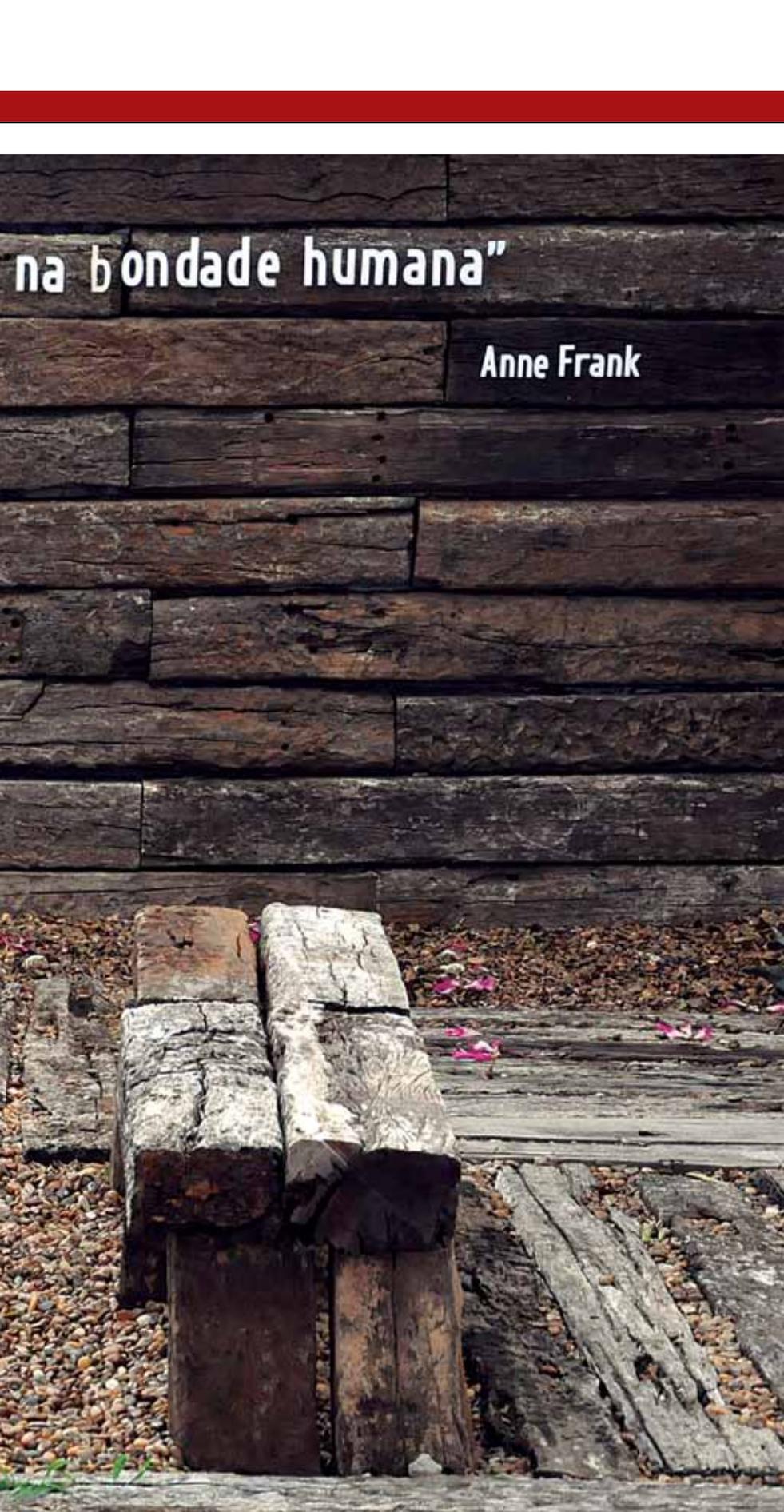
res dos potiguares na capitania do Rio Grande, sem passagem por Pernambuco. Portanto, sendo ele pai de Filipe Camarão, este teria nascido por aqui e depois se mudado para a capitania pernambucana. Pernambucanos, por outro lado, afirmam que Camarão é filho de um irmão de Potiguaçu, que vivia em Pernambuco. Para Levy Pereira, encontrar a carta seria essencial para comprovar o real local de nascimento do índio.

"Apesar de tudo, ainda acredito

Para nunca ser esquecido

Em Curitiba, Museu do Holocausto é o primeiro com este formato no País. De maneira moderna, unindo tecnologia e objetos pessoais de sobreviventes, a visita é experiência única

Por Alice Lima, de Curitiba (PR)



na bondade humana”

Anne Frank

“APESAR DE TUDO, EU ainda creio na bondade humana”. A famosa frase de Anne Frank resume o espírito do Museu do Holocausto de Curitiba, no Paraná, e está escrita logo na entrada do local – em um espaço aberto e inspirador. A visita, do início ao fim, caso precise ser resumida em uma palavra, é: impactante. Ao se deparar com todas as lembranças e lições desse período marcante da História, no entanto, não são tristezas e horror as sensações que ficam. Cada corredor e sala, sensivelmente estruturados, falam sobre vida, esperança e força.

Ao entrar, cada visitante recebe uma espécie de diário que conta a história de uma pessoa que sobreviveu ao holocausto. Esse é o tomo de todo o percurso. São as trajetórias de vida, individualmente, que simbolizam os acontecimentos retratados no museu, e não simplesmente o período de perseguição e todas as desgraças cometidas contra os judeus durante a Segunda Guerra Mundial que se aprende na escola. Os números assustadores de mortos tornam-se coadjuvantes em meio aos objetos ali expostos e cada vida que representam.

“Nosso grande objetivo não é falar sobre tristezas e dados, mas de sobrevivência, de quem lutou e continuou sua vida. O nazismo desumanizou as vítimas. Então, aqui a gente não foca nos números, mas no que aquelas pessoas foram ou são. A gente busca provocar empatia, reflexão e fazer com que entendam que situações de intolerância levam a reproduções do holocausto todos os dias”, explica Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto.



Carlos Reiss, coordenador-geral do Museu do Holocausto



Objetos pessoais de sobreviventes são expostos no local

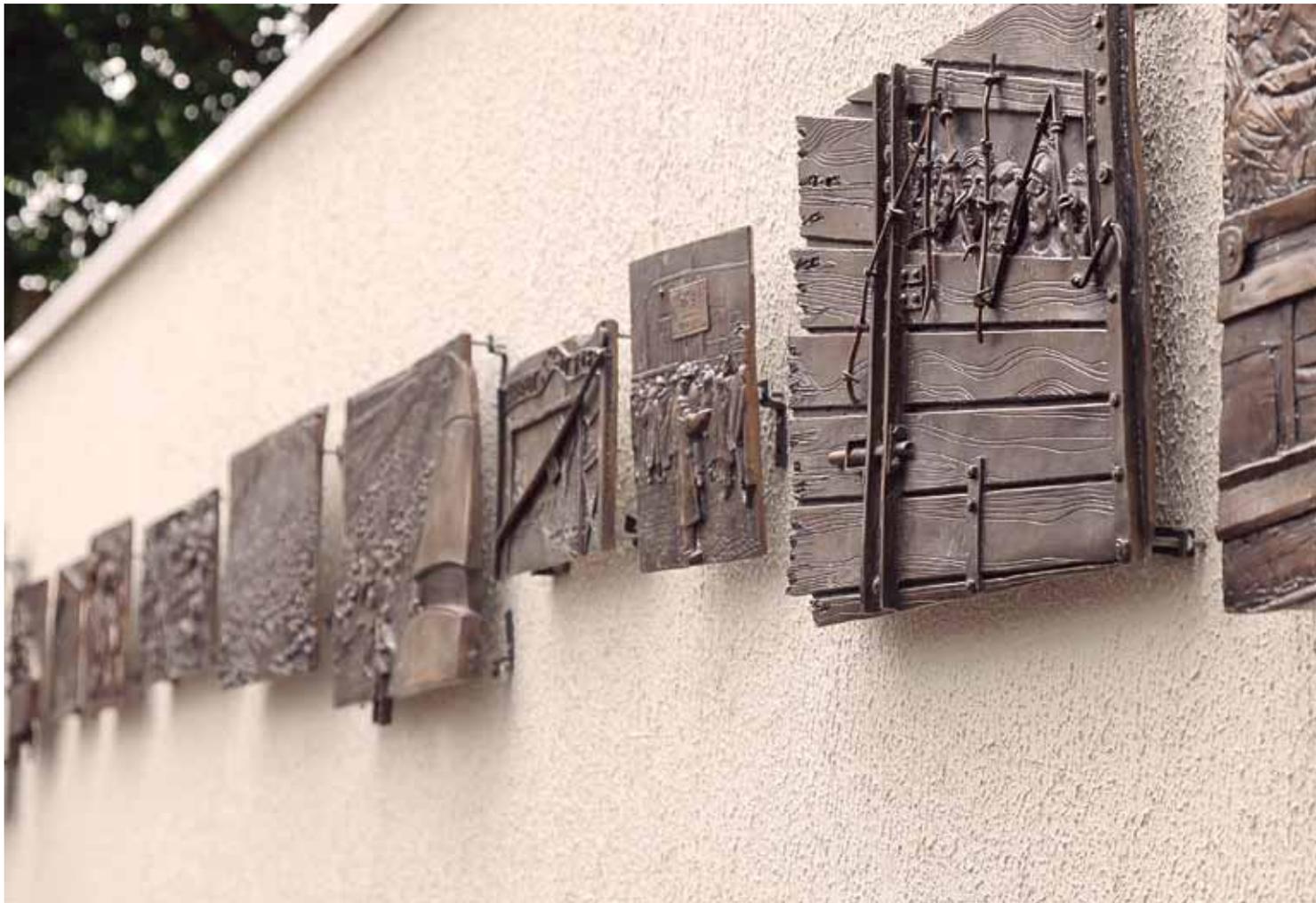
O museu foi fundado há cinco anos e é mantido pela Associação Israelita local. Em um espaço de 400 m², num projeto moderno e bem pensado, há cerca de 700 visitas por semana, entre as que agendam e grupos de escolas. Em princípio, a ideia era reunir acontecimentos e lembranças de famílias que sobreviveram e mantiveram ligações com o Paraná, estado brasileiro que recebeu muitos refugiados. Com o tempo, o acervo só se amplia e já pode ser considerado de representação nacional dos judeus que estão no Brasil. A maior parte dos itens são doações que chegam de diferentes lugares do mundo, como dos museus de Jerusalém, Washington e Auschwitz. A fundação do cineasta Steven Spielberg também contribuiu com materiais em vídeo. Além disso, muita coisa é doada ao museu por filhos e netos de sobreviventes.



Cada sala é pensada para introduzir os visitantes no ambiente real dos acontecimentos



Fotos do período também compõem a estrutura do museu



Esculturas australianas em madeira retratam situações do holocausto

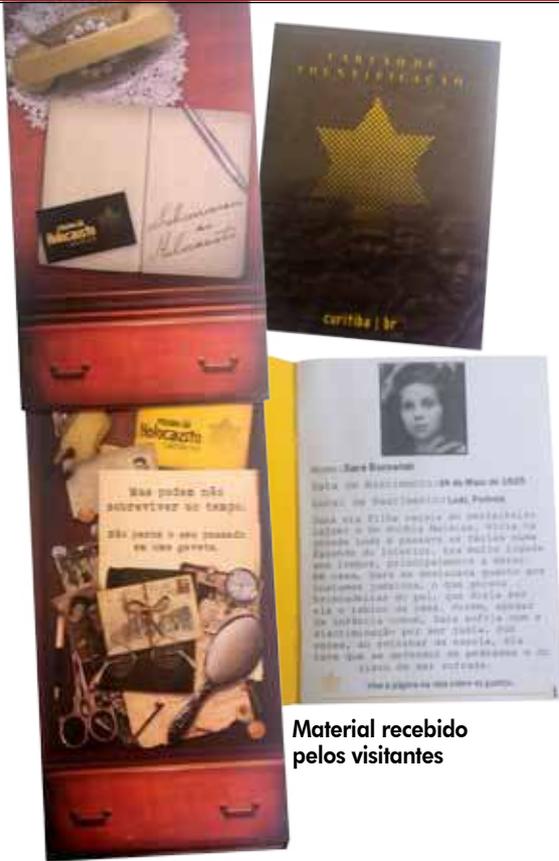
Cada passo uma história

A estrutura do Museu do Holocausto segue as tendências dos museus internacionais contemporâneos de reunir experiências com todos os sentidos. Na entrada e área externa, esculturas australianas em madeira retratam o período histórico de maneira delicada, porém muito forte. Na entrada, logo se percebe que cada peça foi pensado de um jeito que a

reprodução seja fiel ao que retrata. Assim, as pessoas podem realmente sentir o que aconteceu naquele período, como era o cenário, quem eram os envolvidos.

A preocupação em passar a história de maneira humanizada é percebida a todo tempo. Ao invés de pilhas de livros, como as que foram queimadas pelos nazistas, alguns livros foram agrupados para

simbolizar o acontecimento sem choque. Em uma das salas mais impressionantes, o som de vidros quebrando aliado a imagens relembram a destruição dos objetos dos judeus. As fotos expostas, em cenários de fatos tristes, mostram rostos serenos, que conseguem expressar coragem e fé em momentos como a entrada em campos de concentração.



**Material recebido
pelos visitantes**

Por meio de telas e computadores, é possível pesquisar e conhecer guetos e histórias de judeus, identificar os mapas e os caminhos que seguiram os sobreviventes. É interessante perceber que, embora tenha todo aparato tecnológico, são os objetos pessoais que ali repousam os que mais chamam atenção. Bonecas, sapatos, passaportes, livros que pertenceram a sobreviventes fazem os visitantes se sentirem íntimos daqueles exemplos. E a emoção é inevitável.

O passeio segue despertando mais sentimentos. A gratidão preenche uma sala inteira em homenagem àqueles que apoiaram judeus, como Aracy de Carvalho Guimarães Rosa, esposa do escritor João Guimarães Rosa, que ajudou muitos judeus a entrarem ilegalmente no Brasil durante o

governo de Getúlio Vargas. “Essa é uma das nossas salas mais importantes, porque aqui a gente tem o exemplo vivo de união, solidariedade, humanidade”, enfatizou Carlos Reiss.

O Museu do Holocausto vale cada minuto da visita. É difícil expressar todas as emoções que ele desperta sem estragar as surpresas para quem quer – e deve mesmo – ir. Mas, para finalizar esse percurso, aqui ele precisa seguir o mesmo tom. Observe os acontecimentos atuais no Brasil e no mundo – muro para separar países, índio com mãos decepadas, moradores de rua espancados pela polícia, ataques homofóbicos, racistas e misóginos que acontecem todos os dias. O holocausto e a sua intolerância máxima não ficaram tão no passado assim.



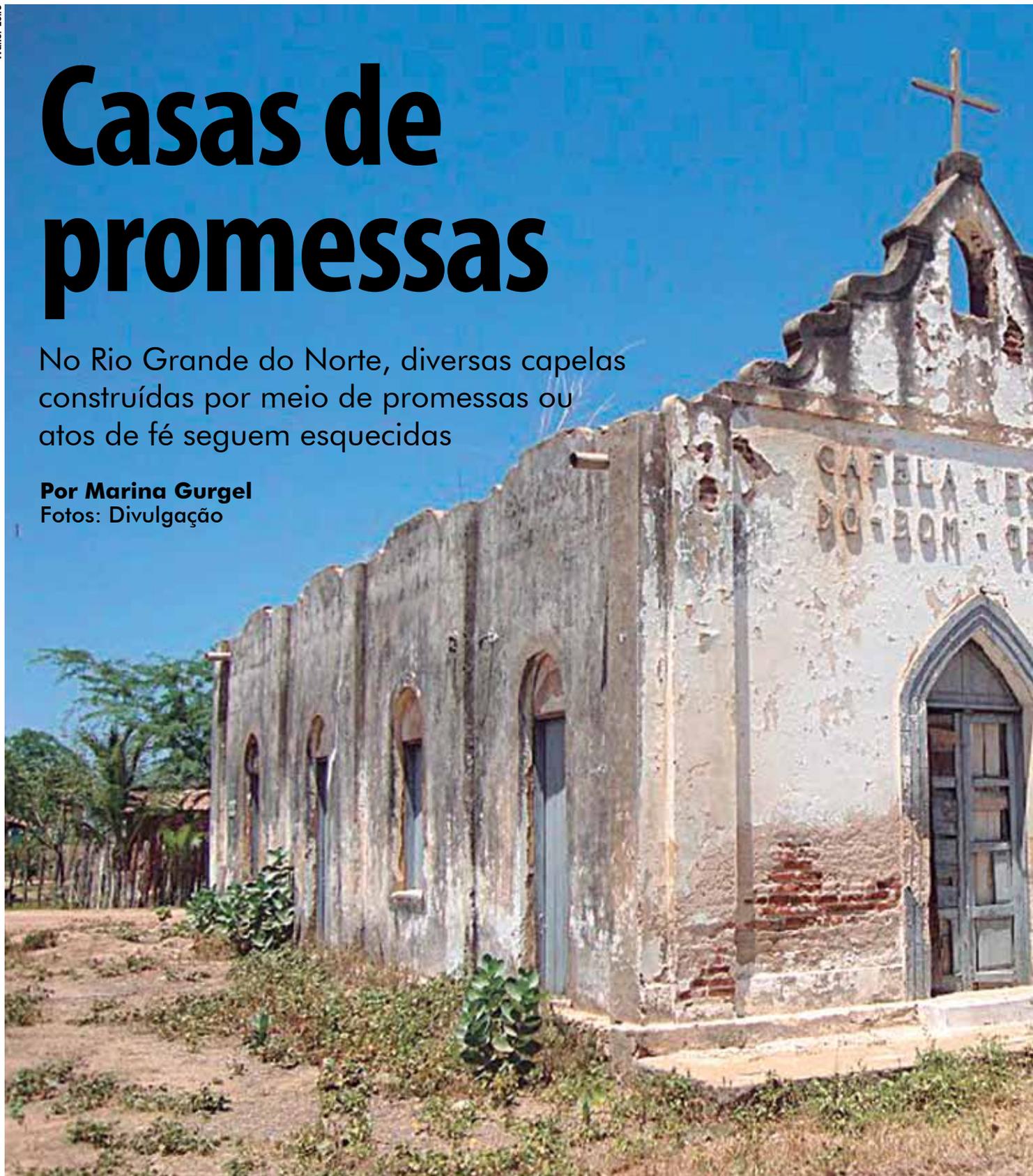
Local segue padrão dos museus contemporâneos espalhados pelo mundo

Walter Leite

Casas de promessas

No Rio Grande do Norte, diversas capelas construídas por meio de promessas ou atos de fé seguem esquecidas

Por Marina Gurgel
Fotos: Divulgação





NO DICIONÁRIO, ANTIGO É uma palavra descrita como “o que existe há muito tempo”, “o que existiu outrora”. Essa ideia de algo que já passou desperta em muitos um sentimento de inutilidade, que já não é mais significativo em nosso meio. Muitas vezes, esquecemos de enxergar além, de buscar conhecer a essência, a beleza que há por trás da história, do costume ou até mesmo da simples representação cultural que aquilo simboliza. Um exemplo interessante a ser observado são as igrejas e capelas abandonadas e esquecidas. Sim, para muitos, esquecidas. Mas para aqueles que tiveram sua jornada de vida marcada pela fé e pelo amor que depositaram nesses monumentos e no seu significado, a importância delas é irrefutável.

A capela é o templo cristão secundário, voltado prioritariamente para uma população ou comunidade pequena, o que a diferencia da igreja, que já abrange um público muito maior. É nessa diferença que existe uma particularidade comum. As capelas muitas vezes são para grupos mais específicos e algumas são erguidas por causa de promessas e grande devoção. Antigamente, isso era comum. As pessoas erguiam capelas como forma de agradecer por graças alcançadas. Porém, nem todas sobreviveram ao tempo e às mudanças da vida comum.

Capelas pelo RN

Um exemplo é a Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no município de Severiano Melo, no Rio Grande do Norte. Erguida como forma de agradecimento por uma prece alcançada, criou-se uma tradição: quem fizer um pedido e alcançar a graça leva uma imagem e deixa no templo. O mais curioso nessa história toda é que, mesmo estando atualmente em completo desuso, o costume ainda se mantém até hoje, o que enaltece a beleza de se observar a fé na sua mais simples forma.

Mesmo construídas por meio de votos, boa parte dessas capelas, tanto no Rio Grande do Norte como no Brasil inteiro, a maioria particular, pertence a



Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, em Severiano Melo

grandes ou pequenas famílias. Talvez por isso exista dificuldade em conseguir informações ou visitá-las. Vale lembrar que além

da religiosidade envolta nesses monumentos há a questão histórica, que se perde ao não ser contada ou vista.

Cuidados da comunidade

Algumas capelas, mesmo estando em desuso ou até abandonadas, são preservadas pela comunidade ou população que a rodeia. É o caso, por exemplo, da Capela de São Pedro, no Sítio Passagem Funda, zona rural de Felipe Guerra (RN). Fundada em 29 de junho de 1903 por André Barra e Mariana Barra, uma vez por

ano é realizada a Grande Missa de Natal, que já se tornou tradição e ajuda a população a prosseguir depositando sua fé e preservando o monumento, que em 2003 completou 100 anos de fundação.

No caso de exemplos como a de São Pedro em Felipe Guerra, faz-se necessário ressaltar que existem capelas que, mesmo não

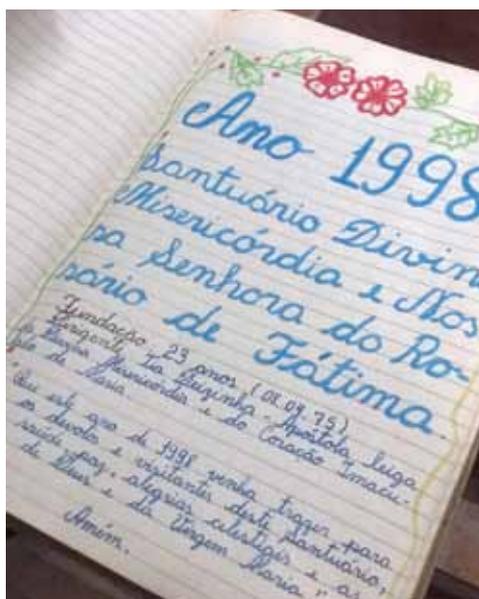
estando em total funcionamento, sua documentação fica preservada e por responsabilidade da Diocese local. Por esse motivo, pelo menos uma vez por ano são enviados padres ou seminaristas para que possam realizar uma celebração ou algum ato religioso. Contudo, nem todas têm essa sorte. Em Mossoró, a Capela



Capela de São Pedro, em Felipe Guerra



Capela Escola do Bom Jesus, em Mossoró



Capela do Divino Espírito Santo, em Mossoró, fundada por uma senhora que sonhava em ser freira

Escola do Bom Jesus encontra-se em total estado de abandono, entregue ao tempo e ao esquecimento, levando consigo toda a história religiosa de um povo, que pode se perder no tempo se não houver resgate.

Aliás, em Mossoró o que não falta são capelas deixadas de lado. Outras que com o desaparecimento de moradores antigos estão sendo abandonadas aos poucos são a Capela do Porto Santo Antônio e a do Divino Espírito Santo, fundada por uma senhora que sonhava em ser freira. Com problemas de audição, ela não pôde realizar seu desejo e viu na construção da capela uma maneira de servir com amor e fé.

Há quem pense que junto com elas só se vai um monte de tijolos e entulhos velhos, mas muito mais se perde quando se permite que esses patrimônios monumentais sejam destruídos pelo tempo. Toda história particular de fé, de cultura e de vivência se vai junto com essas capelas. Preservá-las é preservar um passado rico e grandioso, além de ajudar a contar o passado do estado, que talvez se saiba. Parafraseando o escritor Nildo Lage, “a cultura de um povo é o seu maior patrimônio. Preservá-la é resgatar a história, perpetuar valores, é permitir que as novas gerações não vivam sob as trevas do anonimato”.

A mais limpa do Brasil

No interior do Rio Grande do Norte, Acari é exemplo nacional de limpeza. O espírito de organização urbana é antigo e mora em cada filho da terra

Por Rafael Barbosa

Fotos: Divulgação e arquivo pessoal





COM ORGULHO, A APOSENTADA Rosália Santos estufa o peito para dizer que em sua terra as pessoas aprendem desde cedo que lugar de lixo é no lixo. Em Acari, limpeza é tradição. O município localizado no Seridó potiguar foi eleito em 2015 o mais limpo de todo o Brasil, mas essa relação com a higiene vem de muito antes.

Conta a história que ainda nos tempos do Brasil Império foi baixado um decreto na ainda jovem Acari que determinava que as fachadas das residências deveriam ser pintadas periodicamente, para evitar que ficassem com aspecto sujo. A norma se tornou tradição entre a população, que passou a realizar a pintura de dois em dois anos mesmo com as mudanças na lei orgânica.

Dona Rosália recorda que, antigamente, a própria Prefeitura Municipal arcava com os custos para a parcela da comunidade que não tinha condições financeiras de comprar as tintas. “Como a tinta mais barata era da cor ocre, boa parte das casas era pintada nessa tonalidade”, recorda. Ocre é um tom de laranja que se aproxima do amarelo. Segundo a aposentada, apesar de atualmente o Município não bancar mais as despesas, há ainda quem continue levando adiante a tradição. “Sempre na época da festa. Tudo em Acari gira em torno da festa de agosto, da padroeira da cidade, Nossa Senhora da Guia”.

Educação de berço

O jornalista acariense Riccelli Araújo diz que o costume está tão arraigado no povo de lá que é praticado mesmo pelos que não moram mais no município. “O cuidado com a limpeza da cidade fica internalizado em cada acariense. Quando você vai embora da cidade, essa preocupação permanece. Não jogo nenhum papel na rua. Guardo no bolso, guardo no meu carro, quando não encontro alguma coletora de lixo por perto”, diz.

O secretário Rudson Ric, titular da pasta de Transportes, Obras e Serviços Urbanos da prefeitura, é o responsável por coordenar todo o serviço de limpeza de Acari. Nascido na cidade serioense, ele conta que tem lembrança muito forte da sua infância de constrangimentos passados por pessoas que iam visitar o município potiguar e não respeitavam a lei não dita de manter as vias limpas e organizadas. “Eu lembro de o pessoal de fora jogar lixo no chão e chegar um acariense e recolher, na mesma hora. Causava até um constrangimento”.

De acordo com Ric, por conta da tradição, além de manter as obrigações com a limpeza pública das ruas, a prefeitura também capina mato, retira entulhos e limpa terrenos baldios



Riccelli Araújo, jornalista acariense

na cidade. “Tudo que for relacionado à limpeza, para deixar Acari sempre limpa”.

“É da cultura da gente, desde pequeno, vem de berço, todo mundo aqui sabe que tem que manter a cidade limpa”, endossa Rosália. A aposentada morou 25 anos em Natal, com saudade do Seridó. Voltou à cidade em que nasceu depois da aposentadoria e diz que de lá não quer mais sair. “Estou me apaixonando ainda mais por Acari. O povo é tão feliz no interior! Tudo se divide, de tudo se faz uma festa. É uma alegria, muito bom”, festeja.

“
É da cultura da gente, desde pequeno, vem de berço, todo mundo aqui sabe que tem que manter a cidade limpa.”

Rosália,
aposentada





Rosália Santos, aposentada, é uma acariense orgulhosa



Cidade mantém ruas limpas e fachadas das casas bem pintadas



Lixo Zero

O secretário Rudson Ric afirma que a primeira vez que Acari apareceu no cenário nacional com a alcunha de cidade mais limpa do Brasil foi na década de 1980. “No programa Fantástico (Rede Globo)”, disse. Ocorre que em 2011 o mesmo programa televisivo tirou o título da vedete do Seridó, repassando a Caxias do Sul (RS).

O troféu voltou para o Rio Grande do Norte em maio de 2015, na terceira edição do Prêmio Inovacidade, realizado pelo Instituto Smart City Business America (SCBA), entidade sem fins lucrativos que promove a discussão sobre “smart cities” (cidades inteligentes em tradução livre) na América Latina.

A premiação homenageia as iniciativas que contribuem para a melhoria da qualidade de vida nos municípios, nas áreas de sustentabilidade, inovação tecnológica, governança, energia e mobilidade urbana. De acordo com o site oficial do evento, o Prêmio Inovacidade orientou-se pelo IMERIS (Indicadores de Mérito, Relevância e Impacto) dos projetos e iniciativas na sociedade para escolher os vencedores.

Acari foi selecionado por conta do programa Lixo Zero. O projeto foi idealizado para geração de emprego e renda por meio da reutilização e reciclagem de



Acari é premiada a cidade mais limpa do Brasil pelo Instituto SCBA, em 2015



Através do programa Lixo Zero, Acari foi premiada pelo SEBRAE, em 2016

resíduos, com a criação da Associação de Catadores de Materiais Reutilizáveis e Recicláveis de Acari (ACRA) e a reativação da Fábrica de Vassouras, feitas de

garrafas PET. O Lixo Zero rendeu ainda premiação no IX Prêmio Sebrae Prefeito Empreendedor Governador Cortez Pereira, em 2016.

Rudson Ric explica que foi criada a Unidade de Tratamento de Resíduos (UTR), na qual o lixo coletado é separado. Segundo ele, somente o que não pode ser reutilizado é encaminhado para descarte no lixão do município. “O projeto não está funcionando do mesmo modo do início por causa da dificuldade financeira, mas estamos mantendo, estamos adaptando para ficar mais viável economicamente”, explica.

Na comunidade, a população continua ajudando à sua maneira. Em junho, Rosália vai completar 60 anos de idade. Ela diz que é tradição em Acari comemorar o aniversário debaixo das algarobas (árvore comum no semiárido brasileiro) da cidade e a aposentada seguirá o rito. Ainda não preparou a celebração, mas de uma coisa diz ter certeza: ao final da festa não restará um copo no chão. “Todo mundo limpa tudo”, garante.



Compactação do lixo não reutilizável no município



O hábito de limpeza da população é fundamental

SECRETÁRIA DE ESTADO e primeira-dama

Querendo fugir das frivolidades associadas ao título de primeira-dama, Julianne avalia sua gestão à frente na Sethas mais como técnica que política. Defensora ferrenha da gestão Robinson Faria, não mede palavras para dar aquele tapa com luva de pelica nos opositores que, segundo ela, não se conformaram com o resultado das urnas

Por **Leonardo Dantas**

Fotos: Cícero Oliveira e arquivo



POR MAIS PROBLEMÁTICA QUE a máxima “por trás de um grande homem, há sempre uma grande mulher” possa parecer, Julianne Faria, Secretária de Estado do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social do RN e atual primeira-dama do Rio Grande do Norte, não se incomoda em deixar o governador Robinson Faria colher os louros e ficar nos holofotes. “Desde 1990 trabalho no bastidores, adoro servir ao povo, tenho um perfil mais técnico e eu trabalho para o meu marido”. A afirmação espanta qualquer tipo de boato sobre uma possível candidatura em 2018. E caso o governador concorra a uma reeleição, ela garante que estará novamente trabalhando em seu projeto.

Julianne é a primeira-dama do Rio Grande do Norte depois de um período de 12 anos sem a existência efetiva dessa figura de origem na nobreza e amada pelos defensores da aristocracia. Porém, essa não é a imagem que Julianne gosta de carregar. “Há muito preconceito com o primeiro-damismo. Muita gente pensa que a primeira-dama é só um bibelô, um enfeite que o governador carrega ao lado. Mas eu sou uma mulher, sou mãe, sou esposa, tenho uma história. Antes de ser primeira-dama, eu tive um pai que era médico e me ensinou a gostar de estudar. Ajudei muito o meu marido a chegar onde ele chegou. Claro que suas conquistas são mérito dele, mas eu tive o meu papel. Eu cheguei e sentei na minha cadeira de secretária preparada para exercer o meu cargo. Os desafios são enormes e os êxitos não são só meus, mas de uma equipe que está por trás. Então antes de me julgarem por um título, vejam a minha história”.

Mãe de três crianças e com três enteados no currículo, Julianne teve papel fundamental na vida política do atual governador e principalmente na vitória nas eleições de 2014. Sem papas na língua e dedos afiados, ela responde pessoalmente nas suas redes sociais quem cria polêmicas e segundo ela “tenta passar uma imagem negativa do RN”. À Bzzz, Julianne contou um pouco da sua vida, seu trabalho e o futuro do Governo Robinson.

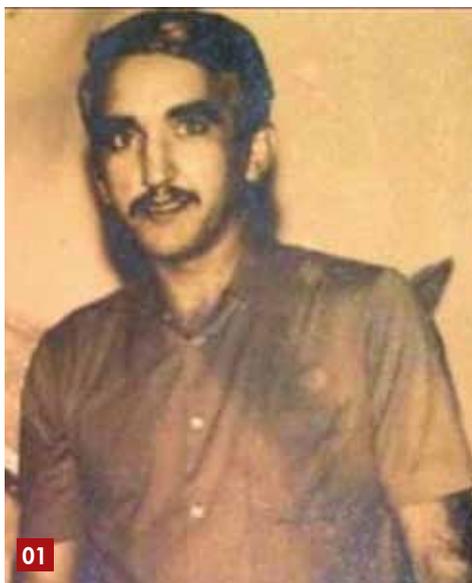
VIDA

Filha do médico paraibano, da cidade de Pombal, José Leny e da caicoense Tânia Dantas, Julianne nasceu em Natal no ano de 1972. “Meu pai e minha mãe são primos, porque meus avós eram primos legítimos”. Nascida e criada na capital potiguar, estudou em escolas tradicionais. “Fui aluna do Neves, a partir da 7ª fui para o Marista e fiz o pré no Colégio Objetivo”. Na vida escolar,

não se considerava uma CDF, mas também não fazia parte da chamada turma do fundão. “Eu me relacionava bem com todo mundo. Nunca sofri bullying, sempre fui uma aluna comum e conseguia passar de ano”.

Em seus primeiros anos de faculdade, Julianne fez Matemática paralelo ao curso de Economia. “Eu vi que não tinha muito perfil para ser professora de matemática

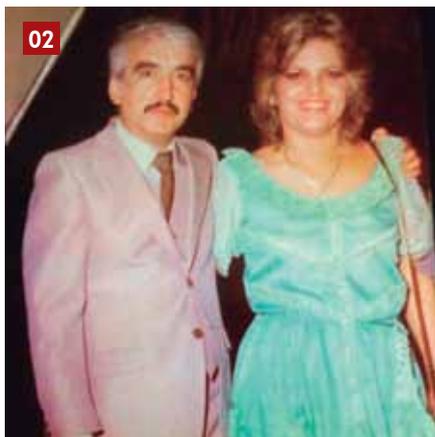
então engrenei para computação e tenho diploma de analista de sistema”. O bom relacionamento com os colegas fez com que até hoje ela mantenha contato com amigos do tempo da escola e da faculdade. “Tem muita gente que trabalha comigo hoje em dia, inclusive o sistema do leite que vamos lançar para todo o Brasil, o CADRN, eu desenvolvi com um colega meu de faculdade, o mes-



01



03



02



04

01 Seu pai, o médico José Leny, é sempre lembrado como um homem trabalhador

02 José Leny e Tânia Dantas, pais da primeira-dama

03 Posando ao lado da mãe (sentada) em Caicó

04 Uma história de 27 anos

mo que desenvolveu o Portal da Mulher. Saiu custo zero para o Governo do Estado. Eu conservo essas amizades que vou cultivando ao longo da vida”.

Ainda no período pré-vestibular, aos 17 anos, Julianne conheceu Robinson Faria e deu início ao namoro. “Foi em 1989 e eu fazia o pré no Objetivo. Ele já havia se separado do primeiro casamento havia três anos e namoramos por 10 anos. Era aquele namoro bem à moda antiga mesmo, eu na casa dos meus pais e

ele na casa da mãe dele. Nos casamos quando eu tinha 27 anos”. Já casada, Julianne voltou aos bancos da universidade e se formou em Direito. Após um período de seis anos, o casal decidiu ter seu primeiro filho. “Eu tive Maria Fernanda, que hoje está com 11 anos, e tenho um casal de gêmeos, Malu e Gabriel, que é especial, com 7 anos. São ao todo 27 anos com Robinson”.

A correria dos compromissos e a agenda cheia como rotina não são um problema

para Julianne, que afirma que sempre gostou de estudar e de trabalhar. “Perguntam muito sobre isso, como concilio tudo. Mas eu sempre trabalhei nos negócios de Robinson, nos bastidores das suas campanhas. Eu gosto muito de me preparar, então vamos conciliando tudo”. Porém, em 2014, com a corrida de Robinson para o cargo de governador, Julianne saiu dos bastidores e assumiu um papel fundamental na coordenação da campanha do seu marido.



- 05** Comemorando aniversário dos Gêmeos em 2010
- 06** Família Dantas reunida no Dia das Mães
- 07** A mãe e suas crias
- 08** Família reunida os filhos Maria Fernanda, os gêmeos Malu e Gabriel, enteados Janine, Nahtália e Fábio Faria
- 09** Se divertindo com as filhas no mar de Pirangi



CAMPANHA

Julianne se define como idealista, e talvez tenha sido essa sua característica que convenceu Robinson a ir em busca do seu sonho de ser governador do RN. “Ele me escuta muito. Não é nenhuma novidade que o adversário da época possuía muito mais capital e apoio político do que dispúnhamos. Mas como eu vinha desse mundo digital, sempre usei redes sociais, para você ter uma ideia eu usava computador muito antes que todo mundo, aquele modelo 386 (risos). Então, eu dizia a Robinson que escutasse o grito das ruas, escutasse as manifestações”.

Ela lembra que mesmo Robinson vindo de uma família com muitas posses, ele não teria condições de competir com seu principal adversário naquele pleito. “Algumas pessoas se chocam com meu excesso de sinceridade, porém Robson veio de uma família com muitas condições. Mesmo assim, a gente precisa garantir o futuro dos nossos filhos, principalmente de Gabriel, que terá um pouco mais de dificuldade. Então com isso a gente precisava de uma campanha pé no chão, sem grandes estruturas, caminhando ao lado do povo, sem grandes palanques, conversando com o pessoal no meio fio, trazendo essa campanha da libertação. Eu dizia para ele não se juntar com essa velha

guarda, porque as pessoas não esperavam mais isso. A leitura estava nas ruas, nas vozes do povo”.

Das caminhadas, Julianne lembra das grandes amizades

“

Ele me escuta muito. Não é nenhuma novidade que o adversário da época possuía muito mais capital e apoio político do que dispúnhamos. Mas como eu vinha desse mundo digital, sempre usei redes sociais, para você ter uma ideia eu usava computador muito antes que todo mundo, aquele modelo 386 (risos). Então, eu dizia a Robinson que escutasse o grito das ruas, escutasse as manifestações.”

que construiu no período. “Eu fiz grandes amigos, e um dos mais polêmicos foi o vereador do PT, Fernando Lucena. Ele me dizia: - Julianne, você nunca perdeu

um único santinho de Robson! E eu respondia que ele não sabia o quanto que aquilo me custava, cada papelzinho daquele. Então se eu saía com vinte, cada um deles era muito bem aproveitado”. Ela se orgulha também de sempre ter sido muito bem recebida por onde passou. “Nunca fecharam uma porta para mim, nunca entrei numa casa contando uma mentira. As pessoas tinham vontade de serem ouvidas. Todos os programas que eu criei na Secretaria como o Vila Cidadã, ou o restaurante popular, que não criamos, mas aprimoramos, também quando modificamos o programa do leite com a criação de um cadastro, isso tudo foi pensado no que ouvi da população. As pessoas não acreditavam mais no poder público e ainda não acreditam. Elas precisam crer em alguma coisa”.

Julianne foi a coordenadora da campanha de Robinson em Natal, junto com as enteadas Natália e Janine Faria. “Nós não tínhamos grandes grupos políticos com a gente. Na época nos acompanhavam os vereadores Lucena, Hugo Manso, Maurício Gurgel e algumas vezes Ney Lopes Jr. A gente caminhava cerca de 10km por dia e a noite tínhamos 25 reuniões. Nas mais complicadas eu participava e nas outras minhas

enteadas. Depois nos reuníamos para montar um discurso só. E a noite sempre terminava com um sanduíche em algum trailer”.

Ao lembrar da participação do PT na campanha de Robinson, Julianne lamenta o rompimento do Partido dos Trabalhadores com o Governo, que para muitos foi primordial o apoio tanto dos petistas a Robinson e vice-versa.

“Eu senti muito, porque fiz grandes amigos. Eu tenho muito respeito por eles. Muito respeito por Mineiro, que foi quem me ensinou o caminho de Natal, as escolas, as urnas. Tenho uma grande admiração por ele, é uma pessoa muito honesta. Lucena é um amigo que vou levar para a vida toda, foi quem me ensinou a falar em público, a primeira pessoa a

colocar um microfone na minha mão. Porque eu morria de medo de falar. Eu jamais daria uma entrevista assim como essa, sem ter aprendido com ele, por necessidade mesmo. São pessoas que admiro, que quero bem independente de bandeiras partidárias. A política é hoje não é amanhã, mas a amizade, o carinho e o respeito eu vou manter para sempre”.



Ao lado do marido, ajudando na realização do sonho de ser Governador do RN



Durante a posse de Robinson Faria como Governador do RN, com a filha Maria Fernanda, ao lado do então presidente da AL, Ricardo Motta e da senadora Fátima Bezerra



Patrícia Abravanel, o enteado Fábio Faria na posse de Robinson Faria



Cerimônia de posse de Robson Faria como governador

POLÊMICAS

Mesmo com a equipe de assessores que tentam frear o “excesso de sinceridade” da primeira-dama, em algumas situações como ela mesmo diz “a verdade tem que ser dita sempre”. “É lógico que eu não vou dizer que alguma coisa está ótima, quando não está. Mas criar polêmicas em cima disso, não prejudica apenas a vida e família do governador, mas a de muitas pessoas”. Julianne lembra de um episódio em que um empresário durante a inauguração de um empreendimento em Touros comentou com o governador o quanto uma pequena parte da imprensa trabalha contra o Rio Grande do Norte. “Quantas cadeias produtivas se alimentam do Turismo, já imaginou? Você chegar e dizer que o RN está violento, está sim, mas não é só aqui, é no Brasil todo. Teve Alcaçuz? Claro que teve, mas não houve morte de civil. Por que criar um pânico na população maior? Venderam uma imagem para todo o Brasil. As pessoas ficam com medo de vir para o nosso estado. Esse empresário foi questionado em Portugal, por quê ele ainda abriria um negócio aqui no RN. Será que as pessoas já pararam para pensar quem construiu Alcaçuz?”

Recentemente o nome de Robinson Faria apareceu na lista divulgada pelo ministro do STF, Edson

Fachin, onde estão os políticos que serão investigado na Lava Jato. Saindo em defesa do marido, Julianne foi às redes sociais e afirmou que “o governador não precisa e nem nunca precisou se sujar com R\$ 100 mil! Nasceu em berço de ouro, a família sempre teve condições e ele nunca vendeu para o povo que era um pobre coitado! Seu Amaro Mesquita, avô de Robinson, era dono de mais da metade da cidade”.

Não demorou para que o post de Julianne viralizasse e ganhasse as manchetes dos blogs de política, principalmente os que fazem oposição. “Isso é um pequeno grupo, que faz parte da parte derrotada das eleições, que não

se conformam e criam esse tipo de coisa para encobrir escândalos de milhões de reais. Primeiro que isso não aconteceu. Robinson é uma pessoa que não iria se sujar por causa de 100 mil reais. O que eu quis dizer é que, diferente de mim que tive um pai médico, e que minha única saída era estudar, a família dele tem um patrimônio de mais de 150 anos, e ele não colocaria isso em risco por causa dessa quantia, que ele nunca recebeu, já foi desmentido nacionalmente. Essa questão do berço de ouro é isso. Você tem um patrimônio herdado que está garantindo a vida dos seus filhos. Não é um patrimônio construído com política”.



Durante cerimônia de posse do secretariado



Batendo papo com a primeira-dama **Marcela Temer**

SETHAS

O trabalho da primeira-dama na Secretaria de Estado do Trabalho, da Habitação e da Assistência Social do RN começou ainda na transição do Governo anterior para o atual. “Eu sempre gostei muito de trabalhar com o social, então fui escalada para a equipe de transição da SETHAS, da FUNDAC e da Companhia de Habitação, e dessas três eu não errei nenhum diagnóstico. Encontramos o RN numa situação muito difícil. Fizemos uma intervenção na Secretaria e através de uma parceria com o Ministério Público, no que concerne a assistência social e fizemos uma política de portas abertas. Hoje temos uma secretaria muito equilibrada”.

De acordo com Julianne, o equilíbrio das contas da secretaria se deu com muita criatividade e batendo muitas portas. “Eu trabalho de forma intersetorial pedindo. Vou na Caern e falo com Marcelo Toscano, que arrecada. Depois vou no Detran. Bato na porta de Rondinelle do IDEMA. Sempre buscando não pedir a fonte do tesouro. Trabalho sempre na parceria. Porque eu sei a arrecadação do Estado é o suficiente apenas para pagar os servidores”.

À frente do órgão, a secretária lembra que vislumbrou de imediato a possibilidade de financiamentos pelo Banco Mundial. “Desde então, meu foco foi financiar meus projetos através de emprésti-

mos que o banco faz ao Estado, que não estava contemplado. Quando toda a diretoria da instituição veio ao RN, tivemos que apresentar a viabilidade dessa parceria. Nessa batalha, eu consegui inserir a nova sede do SINE, as centrais de comercialização, a Escola do Artesanato, as 24 centrais do Cidadão, que serão todas em prédios próprios e no modelo que eu quero. Não apenas o prédios, mas também o equipamento, o mobiliário e a capacitação de todos os funcionários. Vale destacar que estou no juízo de Vagner Araújo (Secretário Extraordinário para Gestão de Projetos) para viabilizarmos a central da Zona Leste. Ou seja, Natal não terá quatro Centrais do Cidadão”.



Registro do projeto Vila Cidadã em Mãe Luíza

AVALIAÇÃO

Mesmo com as críticas recebidas pelo Governo Robinson, que colocam em risco sua possível reeleição, sem pestanejar, Julianne defende e lista os avanços alcançados até o momento pela gestão do PSDista. “É inegável as conquistas do atual Governo. Avançamos em muitas áreas. Na minha por exemplo, ele resgatou o social do Estado que estava morto. Na Segurança, mesmo com todos os problemas conse-

guimos avançar também e secretária Sheyla Freitas entrou muito bem. Ele mexeu em coisas que há muito tempo os governantes não tiveram interesse, como questões de diária operacionais, promoções ao policiais. Está avançando nas construções dos presídios. Está sim tentando acertar”.

Um dado que vem incomodando e se tornando uma pedra no sapato da atual gestão, é o número de homicídios no es-

tado que já ultrapassou a marca de 900 assassinatos. “Essa é uma onda de violência nacional e eu acredito que Robinson irá conseguir avançar mais na segurança. A secretária Sheyla tem sangue no olho e os dois darão um norte para essa história”.

A Sethas vem trabalhando no programa “Transformando Destinos”, do grupo Prevenção, em parceria com o Ministério Público. De acordo com Julianne, o

projeto tem como objetivo resgatar a vida de usuários de drogas. Já que o tráfico de entorpecentes é uma das principais causas de violência e homicídios. “Nos reunimos todas as terças-feira na secretaria e tratamos dessa vertente. No mais, essa questão das drogas vai além, passa muito pela dignidade da pessoa humana. Muitas vezes essas pessoas mais carentes encurtam caminhos por viver em situação de extrema carência, sem ter acesso aos serviços básicos. Então a gente tenta chegar nessas pessoas com serviços. Se abrimos um restaurante popular, tentamos levar uma comida de qualidade. O Vila Cidadã é realizado nessas áreas com incidência maior de violência, para que os moradores se aproximem desses serviços do governo, e nunca houve uma ocorrência. Levamos todos os nossos serviços, o programa do leite, de habitação, o SINE intermediando mão-de-obra, fazemos documentos etc. É dessa forma que realizamos nosso trabalho”.

A secretária afirma também que todas as obras de infraestrutura prometidas pelo Governador em seu plano de campanha estão sendo honradas. “A malha viária do Estado foi toda recuperada, algo que nenhum governante entregou. Temos um mapeamento hídrico de todo o RN, com áreas de colapso de água e trabalho. Na

agricultura, ninguém nunca cuidou tanto da agricultura familiar como o Governador Robinson Faria”, defende.

É nítido que caso o Robinson se candidate a reeleição, pela força e dedicação de Julianne ele saia vencedor. “Ele é um governador que se preocupa com os últimos. Com aqueles que realmente necessitam do Governo. Transformou o RN em um ambiente que o empresário possa investir, desburocratizando o estado. Hoje, uma empresa é aberta em menos 24h, as licenças são

muitos fáceis de serem liberadas. Nosso turismo está muito mais desenvolvido. Então se o Rio Grande do Norte pensar, colocar no papel, parar de focar apenas na segurança, mesmo sabendo que é muito importante, que é a primeira coisa que você pensa é na sua integridade física, perceberemos que avançamos muito. Robinson fez muito pelo RN”. E sentada elegantemente em um sofá no Gabinete do Governador, após um último gole de suco, promete: “Muitas coisas boas ainda virão dessa gestão”.



Dos bastidores para a Sethas



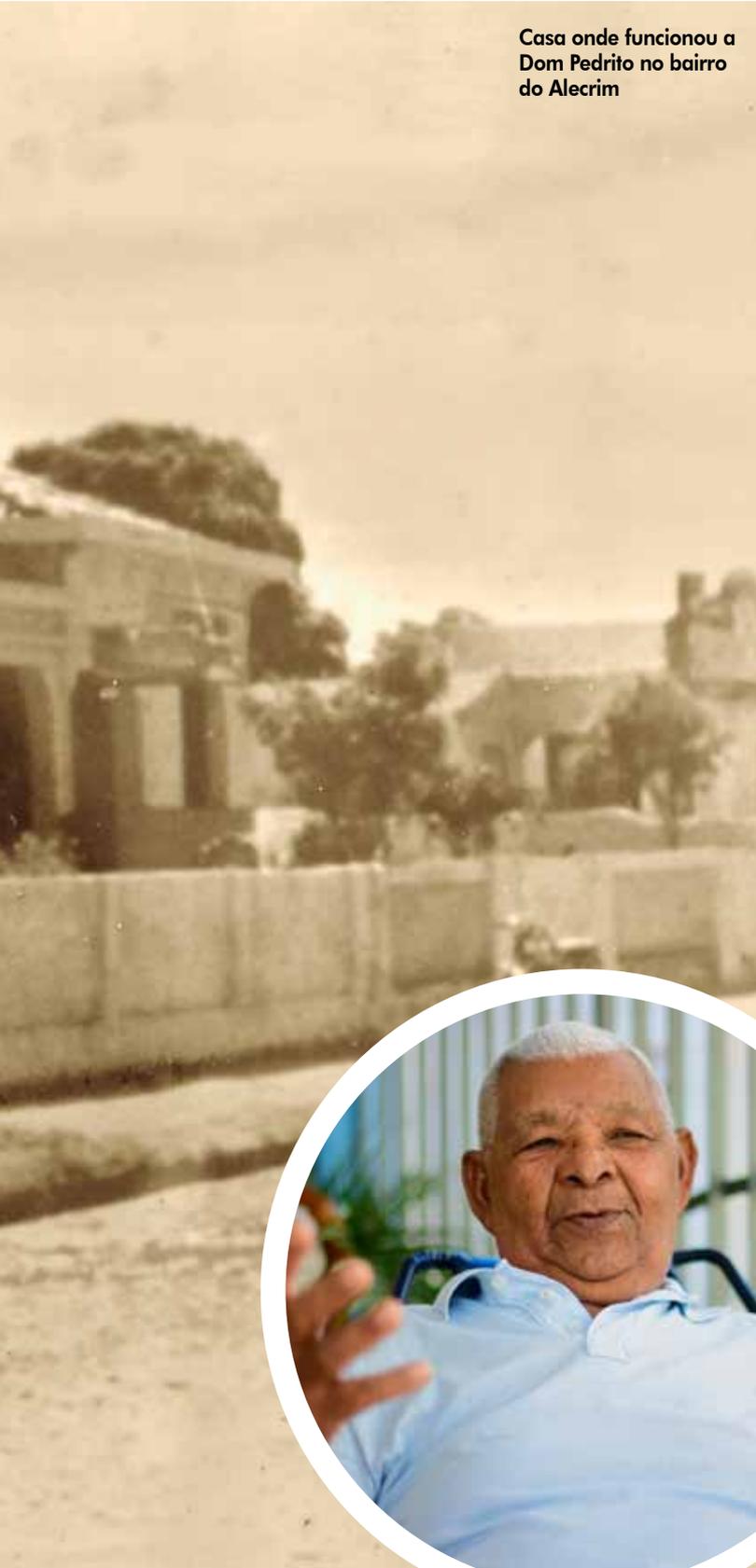
Dom Pedrito

A tradição da culinária gaúcha pelas mãos de um potiguar que fez história em Natal

Por Cícero Oliveira

Fotos: Cícero Oliveira

Casa onde funcionou a
Dom Pedrito no bairro
do Alecrim



ANTÔNIO INÁCIO DA SILVA nasceu em Arez, pequeno município localizado próximo ao litoral leste do Rio Grande do Norte. No dia 1º de dezembro de 1943, em pleno desenrolar da Segunda Guerra Mundial, sentou praça na Marinha Brasileira. Naquele momento, quando começou a trabalhar como arrumador de cozinha no serviço de alimentação da Marinha, Inácio começava uma verdadeira relação de amor com a sua atividade profissional.

Atento a tudo que se passava em seu ambiente de trabalho, logo se destacou no serviço. Estava sempre pronto para auxiliar na preparação das refeições, mesmo não sendo a sua verdadeira função. Depois de engajado, foi destacado para servir na tripulação do contratorpedeiro Bracuí, que atuava na escolta de comboios navais que levavam combustível para abastecer tropas aliadas. Esse trabalho era de importância estratégica porque, embora não houvesse conflitos maiores na costa brasileira, submarinos alemães já tinham afundado alguns navios brasileiros, visando prejudicar o desabastecimento das tropas aliadas.

A primeira missão de escolta a um comboio transcorreu sem nenhum problema. O trajeto era da costa do Recife (PE) até as ilhas Trinidad e Tobago, porém, a segunda missão de guerra foi bastante tensa, exigindo que o comboio efetuasse manobras de desvio de rota para evitar um possível ataque por submarinos do Eixo. Nessa ocasião, Inácio encontrava-se embarcado no cruzador Tamandaré, exercendo a função de açougueiro, na qual, segundo ele, teve a oportunidade de “dar um toque de elegância ao restaurante do navio”, que tinha quase o dobro do tamanho da embarcação anterior.

**Aos 92 anos, Seu Inácio
esbanja saúde e bom humor**



Após ter participado de missões na Segunda Guerra Mundial, premiado pela Marinha com uma Viagem de Ouro aos Estados Unidos



No dia do casamento, trocando a farda da Marinha pelo elegante terno

Novos rumos

Em 1966, depois de 23 anos como militar, e já como suboficial, Antônio Inácio decide ir para a reserva, como ele mesmo diz, “a essa altura já havia exagerado na dose de família, os 16 filhos estavam todos estudando e eu não podia ficar de braços cruzados”. Nessa época, ele comprou o Restaurante Maia, que funcionava na Praça Gentil Ferreira, próximo ao relógio do Alecrim, onde ficou estabelecido até o ano de 1969, quando soube do fechamento do Restaurante Erechim, que ficava na Avenida Presidente Bandeira.

Ao saber da falência daquele restaurante, resolveu visitar o imóvel, uma antiga casa localizada no mesmo local onde hoje se encontra instalada a empresa de material elétrico Lampadinha. Ele decidiu alugar prédio e arrendar os móveis do antigo restaurante. O novo empreendimento passou a se chamar Churrascaria



Nos momentos de folga, os filhos e empregados aproveitavam o amplo terreno da churrascaria para se divertirem

Dom Pedrito. O homônimo de um município gaúcho era referência à gastronomia daquela região, onde o churrasco sempre destacou-se.

Seu Inácio ainda recorda da primeira compra feita para abastecer a despensa da churrascaria: “Foram apenas seis quilos de carne e três quilos de arroz. Começamos bem simples, mas o restaurante prosperou bastante. Depois de certo tempo compramos até o imóvel onde funcionava”, conta.

O restaurante abria para al-

moço e jantar. Além disso, também havia a opção de o cliente levar a refeição para casa, no sistema de marmitas. Outro fator que funcionava como atrativo para a clientela eram a descontração e a arborização. “As crianças adoravam o lugar”, lembra Inácio, mas o que ele considera como o segredo do sucesso era a simplicidade, com poucas opções no cardápio, apenas dois ou três tipos de carne - sempre temperadas com vinagre e vinho -, frango e linguiça. Como acompanhamentos, somente arroz, feijão,

farofa e verduras, aliados a “um preço justo e a carne sempre quentinha, saindo direto da churrasqueira para a mesa do cliente”.

Exigente com a qualidade dos seus produtos, Inácio optou por ele próprio produzir a carne de sol que servia na churrasceria, pois muitas vezes a carne que comprava já preparada trazia sal em excesso. Dessa forma ele garantia um elevado nível de qualidade, com menos sal, o que agradava bastante a clientela. Esse detalhe sempre foi um segredo, pois quando era perguntado pelos clientes sobre a origem da carne tão gostosa, não titubeava para responder: “Nesse padrão, só mesmo sendo de Caicó”.



Seu Inácio e parte da equipe de empregados da churrasceria Dom Pedrito

Reunião de todas as tribos

A churrasceria era frequentada por um público grande e diversificado, desde pessoas mais simples até políticos influentes e artistas. “Cortez Pereira, Agnelo Alves e o desembargador Amaro Marinho eram nossos clientes, e até o cantor Roberto Leal também nos visitou”, lembra.

Os filhos sempre ajudaram no trabalho e exerciam as mais

diversas funções na empresa. Enquanto alguns se dedicavam à cozinha, outros serviam. Neto, o mais velho, era o principal ajudante de Inácio. Embora contasse com o trabalho de todos, ele parece não ter descuidado da importância dos estudos. O pai fala com orgulho que todos estão formados e trabalhando em diversas áreas.

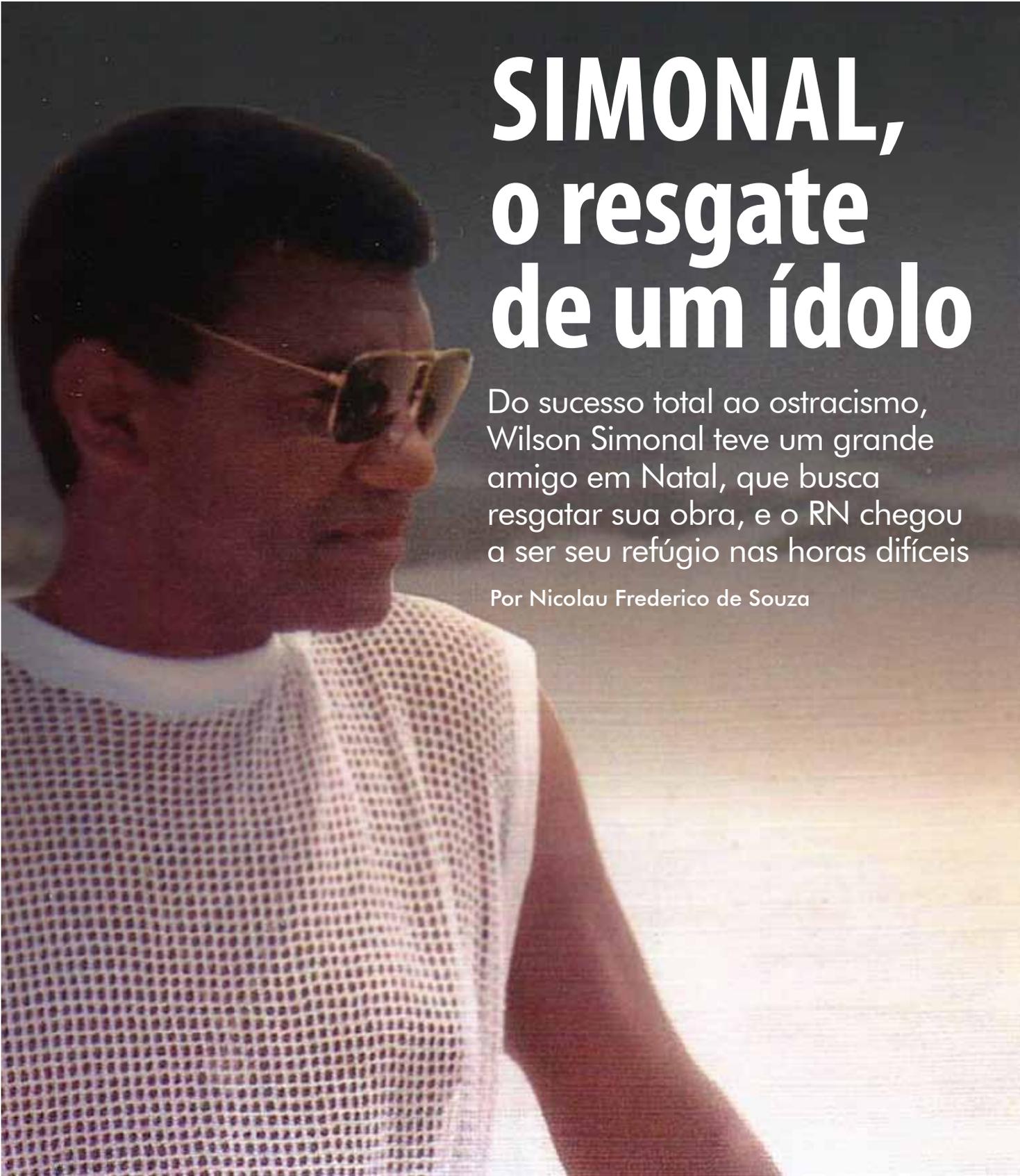
No final dos anos 1980, com a situação financeira bem equilibrada, e para não atrapalhar os estudos dos filhos, passou então a abrir somente para o almoço, diminuindo assim a carga de trabalho. Em 1992, “com a menina já encaminhada na vida, resolvi fechar a Dom Pedrito e vender o imóvel. Já era hora de ir para casa descansar”.



À sombra das árvores! Clientes e familiares desfrutando o ambiente arborizado do restaurante



Seu Inácio, a esposa, Lenira de Jesus, e Neto, o filho mais velho



SIMONAL, o resgate de um ídolo

Do sucesso total ao ostracismo, Wilson Simonal teve um grande amigo em Natal, que busca resgatar sua obra, e o RN chegou a ser seu refúgio nas horas difíceis

Por Nicolau Frederico de Souza

NUMA ÉPOCA DE TALENTOS eternos e revolucionários, Wilson Simonal brilhou como ninguém e inovou como poucos. Juntando qualidade, carisma, simpatia, suingue, charme, sensualidade e muito talento, ele se tornou a sensação do Brasil e ainda conquistou o público internacional. De repente, tudo acabou. Boatos, acusações, mistérios, patrulhas e perseguições. O que aconteceu com Wilson Simonal?

O que dizer de um cantor que parecia não ter limites? Usava sua voz inigualável, tocava piano, violão, trompete e “qualquer outro que lhe caísse às mãos”, como afirma o jornalista e escritor Ruy Castro no livreto/CD nº 17 “Wilson Simonal” da Coleção Folha 50 Anos de Bossa Nova. Tinha na voz o “suingue”, na pessoa o carisma, o charme e a sensualidade, além de seu talento para música.

Pois bem, esse artista brasileiro de nossa MPB sempre teve ao seu lado as personalidades dos anos 60 e 70: Pelé, Roberto Carlos, Carlos Imperial, Elis Regina, Nara Leão, Miele, Bôscoli, Nelson Motta, Chico Anysio, Ziraldo, Roberto Menescal e tantos outros.

Era aclamado pelos seus milhares de fãs, lotava os auditórios e os shows e estava sempre nas “paradas de sucesso” no rádio e na televisão quando, num passe de mágica, tudo desmorona em sua vida e em sua carreira no início dos anos 70. O motivo? A acusação de ser um delator!

Mais de trinta anos depois, o seu nome voltou a ser manchete na



Ao lado do Rei Pelé

mídia. Primeiro, nas telas do cinema. Como resgate “in memoriam” pelos seus filhos os artistas Wilson Simoninha e Max (Maximiliano) de Castro, a Globo Filmes lançou em 2008 o documentário “Simonal - Ninguém Sabe o Duro que Dei”, sob a direção do “Casseta & Planeta” Cláudio Manoel, Micael Langer e Calvito Leal.

Pegando carona no assunto, a revista Bravo! (Editora Abril), em sua edição mensal de maio de 2009 dedicou a reportagem “O ídolo lynchado”, assinada pelo repórter André Nigri. Em um excelente texto, ilustrado por fotos da vida e da carreira de Simonal, Nigri contou o que de fato aconteceu com o cantor. Como “uma afirmação leviana”, na visão de Nigri, pode destruir a carreira e a vida de um artista de sucesso. A revista mensal de cultura, que tinha como diretor de redação o jornalista João Gabriel de Lima, brindou os internautas com um podcast sobre Simonal em uma entrevista/depoimento do historiador Gustavo Alves Affonso Ferreira, que preparou para aquele ano o lançamento de um livro sobre o artista.

Quase dez anos depois, o empresário e produtor cultural natalen-

se João Santana, conhecido no meio artístico como Joãozinho produtor, dedica em 2013 ao seu “ídolo, amigo e irmão” um CD duplo “Pery Ribeiro abraça Simonal – duetos com amigos”, reunindo 23 artistas de renomes nacionais e internacionais como Pery Ribeiro, Caetano Veloso, Elza Soares, Ângela Maria, Fagner, Geraldo Azevedo, Leci Brandão, Simoninha, Wanderléa, Zélia Duncan, Chico César, Alcione, Agnaldo Timóteo, Altay Velloso, Carlos Dafé, Luiz Américo, Marina Elali, Neguinho da Beija-Flor, Netinho de Paula, Rosana Galli, Toni Garrido, Zeca do Trombone e a voz do próprio Wilson Simonal.

Este ano, novamente, João Santana prepara mais uma homenagem para o seu grande amigo/irmão. A revista “Bzzz” conversou com ele e o encontrou na produção do CD inédito “Wilson Simonal vive ao vivo”, um projeto que, usando a moderna tecnologia do som e a mixagem, traz gravações inéditas do artista realizadas na própria casa de Joãozinho, nas viradas de noites que eles passavam quando Simonal se encontrava em Natal, o refúgio para os difíceis momentos de sua carreira artística.



Show lotado de Wilson Simonal



Amizade com Simonal

“Sou de Natal, Rio Grande do Norte. Morei uns tempos em São Paulo. Minha influência musical é de meu pai, baiano de Feira de Santana, gostava de jazz, do baião de Luiz Gonzaga, do rock de Trini Lopez, das músicas românticas de Sinatra”, vai logo se apresentando no início de nosso bate-papo na sala de sua casa, no bairro da Candelária. Aprendeu a gostar de música por causa de seu pai, João Bastos Santana, transferido de Salvador para Natal, pois era militar do Exército, da área da Intendência. “Quando ele saiu reformado abriu um comércio. Mas, em casa, como era negro e de cabelo pixaim, gostava de ouvir músicas de seus cantores favoritos. Eu cresci nesse clima musical. Meu pai não tocava nenhum instrumento mu-

sical, mas incentivou seus quatro filhos, Joice (advogada e pianista), Joilson (violino), Jovertino (acordeón) e eu, João Santana (produtor musical)”, conta ele.

João Santana conta como conheceu Simonal, por esses acasos da vida. “Em 1964 eu, com 14 anos, fui comprar um disco de Roberto Carlos numa loja no centro de Natal. A moça que me atendeu disse que não tinha nenhum disco dele, mas me mostrou outro, dizendo que era um artista que estava fazendo muito sucesso. Eu olhei e vi que era de Wilson Simonal, então desconhecido por mim.” E prossegue narrando esse primeiro contato com seu ídolo: “Um ano depois vem Simonal fazer um show em Natal, no Teatro Alberto Maranhão,

dentro da campanha do governo do estado “Seu talão vale um milhão!” Quando eu vi o Simonal na televisão de blazer, comprei um também para assistir ao show. Terminou o show e fui falar com ele, que me atendeu muito bem e estava acompanhado do seu filho Simoninha. Ele então ligou para o meu pai, pedindo autorização para que eu pudesse jantar com ele no antigo Xique-Xique (restaurante), ali no final da avenida Salgado Filho, perto da atual Arena das Dunas. Esse foi o meu primeiro contato com Simonal, que me deu o endereço de sua casa no Rio de Janeiro. Três anos depois, eu abri um posto Shell e na primeira convenção da rede de postos dessa bandeira, Simonal estava lá e a gente se reencontrou”.

No início dos anos 70, o empresário potiguar conta que perdeu o contato. Mas, em maio de 1975, houve um novo reencontro, como ele registra: “Simonal estava no Programa Silvio Santos, na Globo, e fui manter um novo contato. Logo depois, ocorreu o fato de seu isolamento no meio artístico, provocando um ostracismo em sua carreira musical. Um belo dia, fui ver o Martinho da Vila aqui em Natal. Quando olhei, eu vi o Zeca do Trombone, que era da banda de Simonal. Fui falar com ele, que me disse que Simonal tinha se mudado para o ABC paulista e me deu o seu novo endereço e telefone. Liguei para ele e depois virei seu empresário, passando uma boa temporada em São Paulo, pois ninguém queria essa missão e nenhuma gravadora aceitava trabalhar com ele.”

Naquele instante, ele para um momento, respira fundo e emocionado afirma: “eu digo que foi meu pai que o adotou, pois foi ele que me sugeriu ajudar a Simonal, que gostava muito dele, assim como a minha mãe. Quando retornei a Natal, ele passou a frequentar a minha casa com a minha família. Assim passei a conhecer de viva voz dele tudo o que tinha acontecido em sua carreira, de um grande sucesso ao ostracismo total”. Sobre os fatos que ocorreram naquele difícil momento da vida de seu amigo, o produtor cultural natalense deixa bem claro que “eu passava noites a dentro, aqui em minha casa conversando com

ele, que passou muitas dificuldades em vender e gravar seus discos. As gravadoras continuavam a recusar seu trabalho, sem nenhuma justificativa, apenas diziam que não se interessam por ele.” Neste momento ele dá mais uma pausa e destaca “eis que surge um fato interessante. Uma fã de Simonal, contrata o Roberto Menescal (músico e produtor musical) para fazer um disco dele, achando que faria sucesso aqui no Brasil. De repente, um garoto que conhecia Simonal na RCA gravadora, torna-se presidente da gravadora na Colômbia e o contrata para gravar um CD e dá total apoio a ele naquele país. Entretanto, o sucesso não chega ao Brasil”.

Chega então o momento que, para ajudar ainda mais o artista, ele decide contratá-lo para fazer

publicidade de sua empresa, criada pelo seu pai e pelo irmão Joilson e depois assumida por ele até a presente data, a Cestas São Cristóvão. “Devo muito a Simonal, pois devo a ele a casa que tenho, o ensino do piano ao meu filho que hoje é pianista e arranjador e o primeiro jingle e vídeo da minha empresa, feitos por ele. Os laços de amizade com o Rio Grande do Norte são muito grandes, pois quem ensinou a Simonal a impostar a voz foi o Edinho do Trio Irakitan. Simonal era um cara que via muito dentro das pessoas. Quando ele conheceu Jackson do Pandeiro, ele me disse: “Vou me encostar nele!”. Foi com ele que aprendeu a dividir a parte melódica das músicas, assim como a Elis Regina aprendeu também”, conta João Santana.



João Santana, Simonal e Miele

O irmão Joãozinho

Mas, como diz a própria Bíblia “Nem só de pão viverá o homem, *mas de toda palavra que procede da boca de Deus*’ ... (Mateus 4:4), há uma outra vida por detrás do Joãozinho Santana, produtor: o “irmão Joãozinho Santana”, deixando claro que é um leigo, casado há 44 anos e pai de dois filhos.

“Estou concluindo a produção de um CD católico com músicas religiosas, que tem a presença de Neginho da Beija-Flor, Agnaldo Timóteo, Gilliardi, Luiz Airão, Luiz Américo, Agnaldo Rayol e outros, que devo lançar na festa de São Francisco, em outubro próximo,” explica esse segundo aspecto de sua vida.

E dá detalhes sobre como aconteceu essa mudança: “Eu me aproximei do padre José Mário de Medeiros (recentemente se afastou das atividades paroquiais da Bom Jesus na Ribeira por atingir os seus 75 anos de idade), para me livrar de uma perturbação que eu tinha. Ele me levou à sua casa, orou em mim e o Senhor me transformou. A partir daquele momento, passei a andar em sua companhia. Como sou franciscano vocacionado comecei a frequentar o Convento Santo Antônio aqui em Natal, quando fui convidado para uma missa de Cura e a partir de então, me dediquei à parte da oração.”

“Eu nunca frequentei seminário, eu nunca estudei teologia e não sou padre. Sou um leigo que o Senhor me deu o dom da cura e da libertação para ajudar as pessoas”. Depois de mais de 22 anos frequentando às últimas sextas-feiras de cada mês, ao meio dia a missa de cura na Igreja do Galo (Santo Antônio, na Cidade Alta), ele esclarece que “devido ao grande número de pessoas que ficavam do lado de fora” procurou o professor José Maria, diretor proprietário da Unifacex e transferiu este momento de culto católico para a Capela do antigo Colégio da Imaculada Conceição (CIC), atualmente uma das unidades daquele centro universitário. Joãozinho explica que, além do culto da missa e da oração de cura, ele atende pessoalmente todas as pessoas, o que leva normalmente cerca de 4 horas. Essa atitude ele pratica desde 2013 e, segundo seus cálculos, deve ter atendido em torno de 900 pessoas individualmente, além de convites que recebe para visitas em hospitais, casas e abrigos.

Sobre a sua transformação espiritual e o dom de cura que acredita recebeu de Deus. Irmão João afirma que “Ele (Jesus) resgata as pessoas. Ele gosta do pecador. O “chamado” do Senhor é feito das maneiras mais simples e tocantes.

Veja o texto bíblico que diz que certa vez ele chamou um jovem que fazia tudo certinho, mas quando o Senhor pediu para ele deixar tudo e segui-Lo, e o jovem ficou triste. Quem está perto do Senhor tem dificuldade de entender isso, mas aos poucos consegue e o segue.”

Perguntado pela revista “Bzzz” qual seria o maior problema que as pessoas que o procuram buscam uma orientação, Irmão Joãozinho deixa bem claro que “é o adultério. Um milionário ou um pedreiro, se cometer um adultério é uma palavra muito forte, pois ele tem dois caminhos: a falência ou a doença. Mas, tem um outro item importante nesse gesto entre os casais: a falta de perdão. A pessoa que não tem o perdão em seu coração, não tem a cura: e quando não se tem a cura, chega a doença e a morte. Como me livrar de uma doença, se eu tenho rancor, se eu tenho ódio? Aí em passo a criar muros ao meu redor. E o Senhor não fica perto de mim e eu não consigo sentir a sua presença! Esta é a maior dificuldade que o cristão tem em sua vida para realizar uma cura: ter o perdão, saber perdoar. Recordo aí o ensinamento do papa Francisco para nós cristãos católicos: “Que sejamos construtores de pontes e não de muros”.



Palácio da Diplomacia

Em Brasília, belo lugar projetado por Oscar Niemeyer é um dos que mais se destacam entre as construções da capital federal e também pelas ações

**Por Camila Pimentel,
de Brasília (DF)**



DIPLOMACIA, REQUINTE E SOFISTICAÇÃO são palavras que andam juntas para quem frequenta o Palácio Itamaraty, localizado na Esplanada dos Ministérios, em Brasília (DF). O prédio, sede do Ministério das Relações Exteriores, projetado pelo mago dos arquitetos Oscar Niemeyer, é um dos projetos arquitetônicos que mais se destacam na capital federal. O Itamaraty é responsável pelas relações do Brasil com os demais países. É lá que o governo brasileiro executa a política externa. E a prática das relações internacionais entre os estados dá-se por meio da diplomacia, que conduz e constrói os negócios estrangeiros de uma nação.

Inaugurado em 20 de abril de 1970, também é conhecido como Palácio dos Arcos, nome inicial dado ao prédio por Oscar Niemeyer. Mas a sede das Relações Exteriores do Brasil, transferida para Brasília, foi batizada posteriormente de Itamaraty, prevalecendo o nome da antiga sede do Rio de Janeiro, então capital brasileira, um refinado casarão neoclássico originalmente pertencente a Francisco José da Rocha Leão, conde de Itamarati. “Ita”, em guarani, quer dizer “pedra” e “marati”, “de cor rosa” – o antigo palácio carioca é cor-de-rosa. O termo Itamaraty, então, tornasse-se cognome oficial do referido ministério, explica o jornalista Nelson Toledano.

Ao entrar no prédio você se depara com um grande salão e uma escada em formato espiral, além de acervo cultural de grandes artistas, como Athos Bulcão, Rubem Valentim, Sérgio Camargo, Maria Martins e Alfredo Volpi. Sobre o espelho d’água, encontra-se a escultura “Meteorito”, desenhada por Bruno Giorgi.

Origem

A origem do Ministério das Relações Exteriores deu-se em 1821, quando foi criada a Secretaria de Negócios Estrangeiros. Mas, após a Proclamação da República, em 1889, passou a se chamar Ministério das Relações Exteriores. Já estiveram à frente 127 chanceleres. O senador Aloysio Nunes é o 128º. O primeiro foi José Bonifácio de Andrada e Silva, que tomou posse em 1822 e ficou até 1823. Figura muito importante no processo de Independência do Brasil, organizou a força militar contra ações de resistência à separação do Brasil de Portugal.

Nos dias de hoje, o serviço exterior brasileiro é composto por três carreiras: diplomata, oficial de chancelaria e assistente de chancelaria. Atualmente, o quadro

de servidores do Itamaraty conta com 1.565 diplomatas, 839 oficiais de chancelaria, 574 assistentes de chancelaria e 441 servidores de outras carreiras.

O diplomata é uma das funções mais importantes do Itamaraty, pois representa e promove os interesses brasileiros na esfera internacional, além de fortalecer os laços de colaboração do Brasil com países parceiros. Também é missão do diplomata prestar assistência aos brasileiros no exterior e divulgar a cultura e os valores do povo brasileiro. Um diplomata também pode ser designado para desenvolver atividades consulares, o que significa que será responsável por lavrar atos cartoriais e organizar as eleições no exterior.



Themis Salem



Hall de entrada, térreo



Meteoro no espelho d'água



Marcos Vinicius Besz/AIG-MRE

Treliça de Athos Bulcão

Edgar Cesar



Escada Helicoidal



Terraço no 3º piso

Ana Oliveira/AIG-MRE



Ana Oliveira/AIG-MRE

Jardins do Palácio Itamaraty



Themis Salem

No último dia 20 de abril, o ministro Aloysio Nunes celebrou o Dia do Diplomata e em seu discurso destacou a importância desses profissionais. “A nossa diplomacia há de ser sempre um instrumento a serviço da modernização e da prosperidade do nosso país; uma política de estado em prol da estabilidade da nossa região e do mundo”.

Para ingressar na carreira diplomática é preciso prestar concurso, realizado pelo Instituto Rio Branco, órgão do Itamaraty responsável pela formação do diplomata. O concurso é promovido anualmente, desde 1946. Atualmente, o Itamaraty conta com 139 Embaixadas, 52 Consulados-Gerais, 11 Consulados, oito Vice-Consulados, 12 Missões ou Dele-

gações e três escritórios.

Grandes personalidades mundiais já passaram pelo Palácio do Itamaraty, como a Rainha Elizabeth, do Reino Unido, em 1968, e o ex-presidente dos Estados Unidos Barack Obama, em 2011. Quando um presidente de outro país visita o Brasil é o Itamaraty que é encarregado de todos os protocolos cerimoniais.

Ana Oliveira/AIG-MRE



Sala Dom Pedro I

Daniella Duarte



Auditório Vladimir Murtinho

O senador Aloysio Nunes (PSDB-SP) assumiu o Ministério das Relações Exteriores no dia 7 de março de 2017. Sua missão principal é a retomada do crescimento. “Em uma conjuntura marcada pela imperiosa tarefa de recuperar a economia brasileira, a política externa está empenhada em ajudar no processo da retomada do crescimento. Nós ganhamos consistência na nossa atuação internacional quando refletimos as preocupações com os direitos humanos, com a democracia e com a sustentabilidade. E fazemos isso porque é isso que espera de nós a sociedade brasileira”.

Ana Oliveira/AIG-MRE



Passagem do Anexo I para o Anexo II

Themis Salem



Sala Brasília

Daniella Duarte



Sala Rio de Janeiro

Complementou: “Isso quer dizer que, na defesa de nossos interesses globais, é preciso granjearmos, cada vez mais, poder para influir de modo decisivo. Essa influência se conquista com esforço metódico, com avanços econômicos, mas também científicos, culturais, tecnológicos e de cooperação, capazes de imprimir densidade em nossas relações com outros países. E a conquista dessas condições passa, necessariamente, como lembra Rubens Ricupero, em obra editada pela Fundação Alexandre de Gusmão, pelo processo de desenvolvimento”.

Ana Oliveira/AIG-MRE



Sala Portinari

Daniella Duarte



Sala dos Tratados

Além do tango e alfajor

A capital da Argentina é a primeira parada da nova série turística da Bzzz. Por Themis Lima, pelo mundo, com uma mochila nas costas e um bebê na barriga

Por Themis Lima

Fotos: Brunna Brok, Martin Hernandez e Themis Lima



Casas coloridas
no El Caminito,
em La Boca

COMEÇO HOJE A CONTAR uma história - bem longa, mas prometo que divertida. Como toda história longa, o princípio é difícil de desemperrar. Não tem início nem era uma vez. Mas esse enredo começa com uma viagem, desenrola-se numa viagem, e espero que termine em uma também. A bagagem muda, os destinos mudam, mas a gostosa sensação de pisar sobre o desconhecido, ela sim, é permanente.

O destino final era Bogotá, na Colômbia. Era escassa a certeza do que nos esperava por lá, mas sobrava vontade de descobrir, ao ritmo que desse, ao passo que fosse. Projetávamos mudança de vida, transformação, a conquista do espaço e a conquista do espelho. Um pacote que incluía desbravar a Amazônia em barco e deixar que o silêncio do caminho nos ensinasse a olhar pra dentro.

Sáimos com mochila e êxtase num começo de dezembro, e não chegamos a meio de mês sem que o universo (ou a biologia) nos mostrasse quem manda. Caixinha, bula, recipiente, fita, linha de controle, linha de teste: positivo. Estava grávida. Taquicardia, mão na cabeça, palavrão na ponta da língua. Conheço muita gente que espera um bebê com afinco, deseja, e se vê feliz desde o minuto 01 com a notícia. Não quero ter vergonha de dizer para o meu filho que eu não era uma dessas mães. Não em princípio, pelo menos. Só que o pânico existiu, penso hoje, porque a ima-

gem mental que construí de maternidade era muito velha e muito sofrida. A abdicação completa do seu ser em nome de outro, num mundo de fraldas sujas, olheiras e casca de banana dentro do sutiã. A primeira aventura da viagem foi transcorrer o medo: não saltá-lo, mas passar por dentro dele, encarar as ideias prontas e as fraquezas, e entender a jornada que se desvendava na minha frente. Que mundo eu quero apresentar pra ele?

Duas ou três semanas de olhos inchados e ares contemplativos depois do fatídico exame, a caixinha cor de rosa ainda repousava sobre a bancada do criado mudo. A viagem estava parada, porque já não sabíamos para onde nos mover. Não voltaríamos pra casa, porque o que nos impulsionou a mudar de vida ainda continuava lá. Decidimos abrir o mundo inteiro na cabeça e escolher o ponto de chegada que nos permitisse continuar nossa aventura, sem deixar que nada faltasse para o pequeno e mais novo integrante do time. Conhecemos as pessoas certas, com as dicas certas, e dava quase pra sentir um sussurro do mundo indicando no pé do ouvido por qual caminho seguir. Nos recusávamos a ver esse ser ainda tão frágil e diminuto como um peso, um atraso, um desvio. Ele era o impulso, o motivo, o recomeço, e quem escolhe o caminho do coração não erra nunca. E assim começa a história de uma aventura turística e de vida, contada em série na Revista Bzzz.

Destino 001: Buenos Aires

Destino comum para brasileiros e turistas do mundo inteiro, a capital portenha é uma cidade difícil de desvendar. Quem passeia entre os espetáculos de tango, a Casa Rosada e o opulente Obelisco certamente desfruta de férias deliciosas, principalmente se são apresentados aos cortes de carne e ao típico doce de leite, mas passa batido por um universo de *argentinidade* escondido

entre as ruelas dos bairros antigos e as enormes avenidas-arteriais que pulsam na cidade.

É este o primeiro destino da jornada “mochila nas costas e bebê na barriga”, tateando com novas sensações uma cidade que é velha conhecida. Depois de morar em Buenos Aires de 2012 a 2014, pisar de novo em solo portenho foi abraçar de volta, com um pouco de estranheza e um pouco de saudade,

esse que é lugar cativo na minha lista de casas. Confesso que explorar as ruas de paralelepípedo do bairro de San Telmo, um dos mais antigos e históricos da cidade, é minha principal diversão. Aos domingos, dia de feira, a pedida é caminhar pela Calle Defensa ouvindo os ritmos, as conversas, contabilizando as cores e colecionando os cheiros de um pedaço da cidade que parece se recusar a mudar.



Vista da Praça de Maio e Casa Rosada



Bairro histórico de San Telmo



Há um pouco de dualidade entre a nostalgia, tão impregnada no jeito porteño de ser, e a modernidade da segunda maior cidade da América do Sul. Buenos Aires é uma capital populosa, cidade autônoma como a nossa Brasília, que, junto com a região metropolitana, contém quase metade dos habitantes de todo o país. Isso significa dizer que a Argentina é um país quase deserto: são milhares de quilômetros adentro dedicados à agricultura, num território salpicado por cidades e povoados consideravelmente menores que Buenos Aires. E é muito importante ser justo e demarcar: o micro-universo

portenho e seus integrantes se parecem muito pouco ao interior do país. Inclusive, a imagem do argentino carrancudo e reclamão, além de exagerada, é nacionalmente atribuída aos moradores da capital.

Marcada pela forte imigração europeia, principalmente de italianos e espanhóis, e por um processo histórico que massacrou a população aborígena, a Argentina como um todo e Buenos Aires em particular são desses lugares no mundo delicados de decifrar. Latinos com feições mediterrâneas, ruas e praças com desenho urbano europeu, culinária influenciada pelos imigrantes (um sal-

ve a *pizza a la piedra!*) e esse sotaque inconfundível, cheio de *che's* e gesticulações, são algumas das marcas dessa identidade talhada em acordes de *bandoneón*.

A região tem suas quatro estações do ano muito bem demarcadas, com uma leve tendência aos extremos: um inverno que pode ser bem cruel, e um verão certamente infernal. As meias temporadas, além de representarem melhores preços para os turistas, são uma época privilegiada para desfrutar a cidade: presenteiam as calçadas com todo tipo de cor e colocam os termômetros nos seus devidos lugares.



01 Vista do Obelisco, Avenida Corrientes

Martin Hernández

O coração da América Latina

Como todo grande centro urbano, Buenos Aires está acordada 24 horas por dia, sete dias por semana. Cosmopolita, ativa e pulsante, ela abriga restaurantes, livrarias, centros comerciais e negócios de todo tipo espalhados por bairros bem comunicados e fáceis de transladar. É a meca

latinoamericana de vários ramos de trabalho (design, publicidade, cinema) e possui um sistema de ensino superior público, aberto e de qualidade. A UBA (Universidade de Buenos Aires), por exemplo, não exige uma prova ou um exame de admissão, como o antigo vestibular brasileiro ou o

atual Enem, nem sequer fecha as portas a outras nacionalidades para estudar em qualquer dos cursos. Os preços das universidades privadas também são bastante mais amáveis que os do Brasil - há, inclusive, universidades inteiras tomadas por alunos brasileiros, principalmente estudantes



02

de medicina, onde a diferença na mensalidade pode ser até de assustadores 1300%.

Essas facilidades, associadas a um custo de vida relativamente mais acessível, em grande parte pela desvalorização do peso argentino como moeda, enche as ruas da cidade de gente de todo o continente buscando novas vidas e novos começos. Apesar da crise financeira que assola o país, a Argentina continua sendo uma escolha de destino corriqueira, não só para turismo, mas como nova casa. Em 2010, já estava em aproximadamente 1,9 milhão o número de residentes estrangeiros no país da prata, o que o coloca como principal centro migratório do continente.

Os brasileiros, apesar de serem líderes no ranking turístico (somos 33% dos estrangeiros que visitam o país, de acordo com o Instituto Nacional de Estatística e Censos), representamos só 3% da população estrangeira residente no país. Ainda assim, o número total é alto: somos quase 47 mil brasucas convivendo com os hermanos vizinhos. Quase metade desse número escolhe a capital como casa, muitos atraídos pela ideia de ser um cidadão do mundo.



03

02 Bairro de Puerto Madero, o caçula e mais moderno da cidade, com muitas opções de restaurantes, passeios e espetáculos de tango

03 Centro da cidade

Cidade cultural

Um dos principais fatores que fazem com que Buenos Aires desponte como uma cidade verdadeiramente excepcional é que ela respira cultura por todos os seus 48 bairros. Desde as iniciativas oficiais e governamentais, como centros de prática, oficinas e eventos, espalhados pelo centro e pela periferia da cidade, até os investimentos e negócios na área: em Buenos Aires, cultura é produto de primeira necessidade.

É a cidade com mais li-

vrarias do mundo: são 25 estabelecimentos para cada 100.000, abertas a toda hora, com livros de todo tipo. Somente passeando pela Avenida Corrientes, famosa pelos numerosos sebos, é possível entender a dimensão desse dado como a expressão efetiva de um lugar onde a leitura flui.

No teatro, são 186 salas - entre circuito comercial e independente - também um dos números mais expressivos do planeta: em Paris, são 151 salas;

na Broadway, 135; Londres, 62. O circuito cultural argentino também conta com uma expressiva produção de cinema, com filmes distribuídos e conhecidos no mundo inteiro.

Muito além dos números, a experiência de sentir a cidade pulsando entre história viva e modernidade, passeando entre sotaques de todo o continente e fazendo-se nova a cada descoberta é o que faz de Buenos Aires um destino eternamente favorito.



Brunna Brok/Agujar Buenos Aires

Livraria Ateneo - Uma das mais icônicas e exuberantes do mundo







Dicas de sobrevivência em terras portenhas

Chegar a Buenos Aires é fácil e rápido: por ser um destino comum do brasileiro, há muitas promoções e bons preços de passagens com destino a *Reina de La Plata*. A cidade conta com dois aeroportos: um central (Aeroparque ou Jorge Newberry) e um mais distante (Ministro Pistarini, em Ezeiza, a 35km do centro da cidade). É sempre mais conveniente chegar quase na porta dos hotéis, albergues e pontos turísticos, mas nem sempre as empresas aéreas oferecem a opção de pousar no Aeroparque, menor e mais destinado a voos nacionais. Em Ezeiza, no entanto, há diversas opções de transporte à cidade, variando de preço e conforto a depender do bolso e do estilo de cada um. Os táxis, possibilidade mais cara, podem cobrar até AR\$ 650 (R\$130, aproximadamente) para fazer o traslado, mas pode valer a pena se a corrida for compartilhada com outros companheiros de viagem. A linha de

ônibus Tienda León (tiendaleonmdq.com) oferece transporte de AR\$ 200, com conforto e qualidade, e saída a cada 30 minutos de um dos terminais do aeroporto e com destino direto à Estação de Retiro, no centro da cidade. E há também o transporte urbano, linha 08, que custa aproximadamente AR\$ 15, mas completa o trajeto ao centro em quase duas horas de muitas voltas pelas paradas no caminho.

No próprio aeroporto, você pode fazer o câmbio de real para peso argentino. Até pouco tempo, a situação no país em relação às moedas era bem complicado. A história é longa, mas o resumo é que, no final do governo Kirchner, a compra de dólares foi restringida no país, já que com as flutuações constantes da moeda nacional, a população muitas vezes utilizava o recurso da compra de dólar como forma de economia. Isso gerou a criação de um mercado negro, paralelo ao oficial, que trabalhava com ou-



tras cotações bastante diferentes das aplicadas pelos bancos nacionais. Realizar câmbio para os turistas, portanto, sem prejuízo, era uma aventura de cinema: entrar às *cuevas*, negociar valores e acompanhar as mudanças dia a dia. Hoje, ainda existe alguma diferença entre um mercado e outro, mas é bastante mais sutil. Portanto, trocar seus reais por pesos argentinos no aeroporto não significa mais perder dinheiro.

Mas, não se iluda! Uma carteira cheia de notas de 100 não significa fartura. O peso é uma moeda que eu gosto de chamar de *diluída*: escorre pelos dedos sem que você nem perceba. Uma garrafa de água pode custar de AR\$ 20 a AR\$ 30 (ou seja, entre R\$ 4 e R\$ 6), e um almoço num bom restaurante para duas pessoas ultrapassa facilmente os AR\$ 400 (R\$ 80). A regra para economizar é buscar bem as promoções, os restaurantes escondidos com menus especiais e as ofertas em outlets e brechós, caso o

seu interesse seja comprar.

Se sua viagem é pouco mais aventureira, há vários albergues e *hostels* na cidade que oferecem acomodação de qualidade, com quartos privados e compartilhados, a bom preço e com a possibilidade extra de fazer novos amigos e companheiros de roteiros turísticos.

Uma ótima dica para evitar os táxis, que apesar de bastante mais baratos que os do Brasil pedem um gasto extra no orçamento da viagem, é acessar o *Como Llégó*, mapa oficial da cidade, disponível em navegador e como aplicativo móvel, e que destrincha os melhores trajetos, as linhas de ônibus e de metrô. Para se locomover, é essencial ter um cartão Sube, recarregável sempre que necessário e fácil de adquirir: em qualquer estação ou quiosque da cidade. Dessa forma, você não se preocupa com troco e moedas na hora de cruzar a catraca.



Soy Latino Americano

Com pimenta e especiarias, Restaurante El Paso reúne comida mexicana e peruana com toques de diversos países da América Latina

Por Camila Pimentel

Fotos: Telmo Ximenes e
Gustavo Gracindo





MÉXICO E PERU EM um só lugar. O El Paso, localizado na 404 Sul, em Brasília (DF), foi aberto em 1995, a partir da culinária que tem a pimenta como ingrediente principal, idealizado pelo peruano David Lechtig, considerado um dos pioneiros da gastronomia mexicana na capital federal.

Apesar de nascido no Peru, foi na Guatemala que David passou a infância e tomou gosto pela gastronomia. “Cresci experimentan-

do todos os tipos de comida e aos 13 anos já cozinhava”, conta. Ao citar as suas receitas preferidas, fala do Anticucho (coração bovino marinado em pimenta seca vermelha e assado na brasa). O prato de origem peruana é montado com carne marinada num tempero especial à base de aji panca (pimenta peruana), espetada em um palito de cana e grelhada. É considerado um dos mais populares e típicos do Peru e da Bolívia.



Coctel de Camarones Acapulco



A culinária mexicana tornou-se familiar para David, que viajou de carro pelo sul do México, o que possibilitou montar um cardápio com especiarias. Hoje, um dos pratos mais solicitados do restaurante mexicano é o “El Paso Combo”, que vem com burritos, tacos rancheiros, quesadillas, buffalo wings, potato skins, e nachos. Além desse, o “Combo Del Mar” também integra a lista dos pratos prediletos dos fãs de comida mexicana. O “Combo Del Mar” acompanha guacamole com camarões, ceviche mexicano e coquetel de frutos de mar com molho agridoce picante.



David Lechtig



El Paso Combo



Chocolate
Brownie

Sundae
Copa de
Alfajores

Churros
El Paso



Combo
Del Mar
El Paso

As sobremesas também são destaques no cardápio do El Paso, como os churros e o “Pastel Imposible”, delicioso bolo de chocolate coberto com pudim e doce de leite acompanhado de sorvete de creme. E por favor, tenham uma atenção especial para as margaritas El Paso, eleita uma das melhores em Brasília com destaque para a de frutas vermelhas.

David Lechtig garante que sempre foi atraído pela culinária da América Latina. “A clássica culinária europeia nunca me atraiu”, disse. Segundo ele, agrada o seu paladar sabores fortes e, principalmente, de comidas que tenham história.

Para deixar o ambiente atrativo, o lugar conta com murais da artista plástica Cassandra Castro e um belíssimo pátio com fontes, que é também local para dividir momentos de alegria com familiares e amigos.



Frozen Margarita de frutas vermelhas



**Pastel Imposible
El Paso**

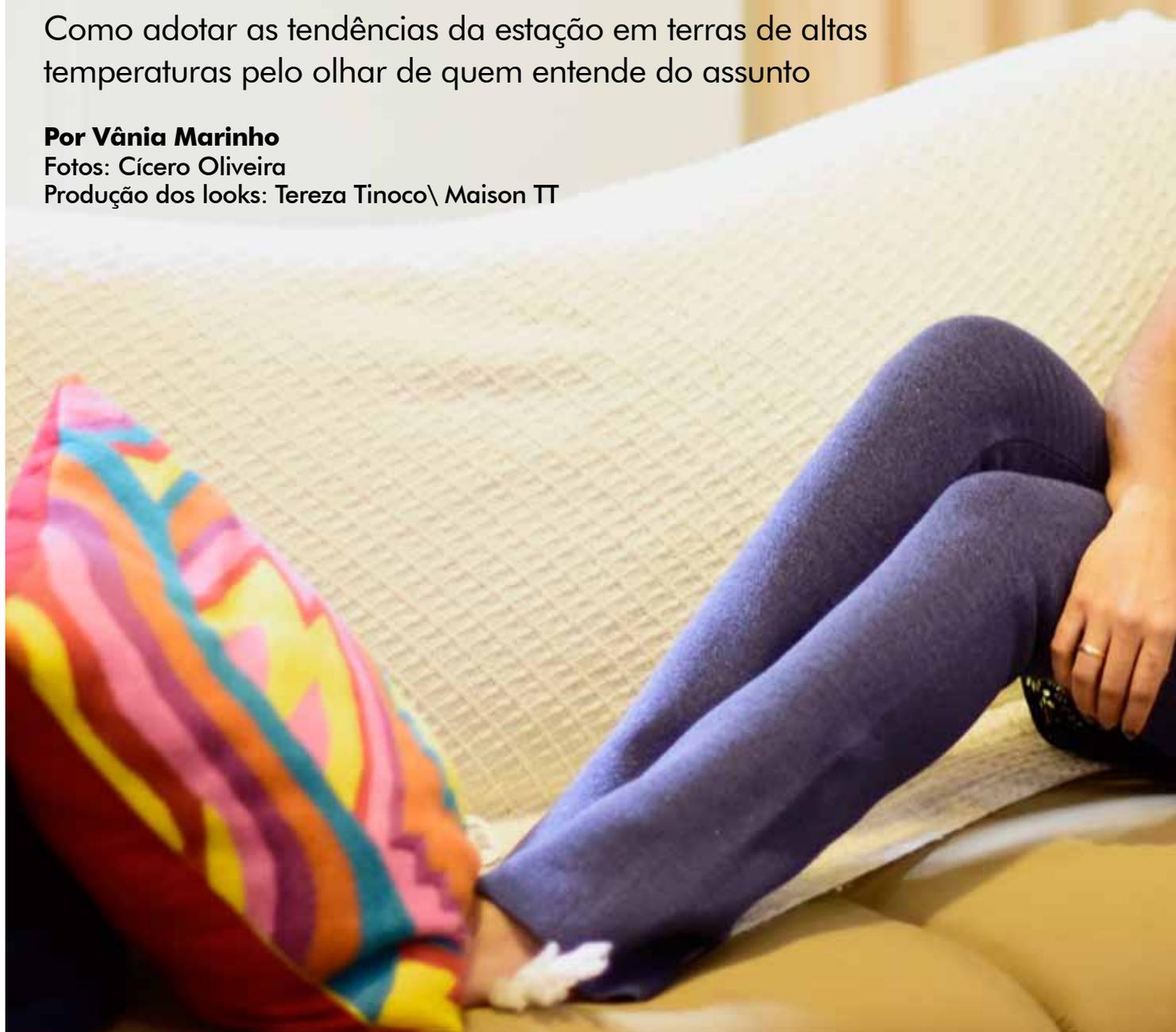
Moda outono-inverno *na terra do sol*

Como adotar as tendências da estação em terras de altas temperaturas pelo olhar de quem entende do assunto

Por Vânia Marinho

Fotos: Cícero Oliveira

Produção dos looks: Tereza Tinoco\ Maison TT





AQUELES QUE ESTÃO LIGADOS no universo fashion podem observar que nas últimas semanas de moda no Brasil (já com algumas influências do hemisfério norte), nas passarelas, as peças de inverno tiveram grande destaque.

Nas vitrines e nas ruas, é possível perceber a influência do que foi visto. E em um país de dimensões continentais, fica difícil para o público consumidor selecionar o que se adequa ao seu clima. É preciso bom senso e orientação. Sabemos que as lãs e texturas quentes não são suportáveis ao clima potiguar.

Talvez seja melhor apostar nas cores da temporada, nas estampas, nos acessórios. Os tricôs vão bem, desde que colocados em ambientes climatizados ou em uma noite mais fresquinha. Nada de bota de cano alto. Um caninho curto dá o toque da estação e combina com o lugar. Echarpes, saia e jaquetas de couro ecológico ficam bem e não são pesadas.

Para quem fica na dúvida de como aproveitar as tendências, a resposta vem de quem respira moda.

Tereza Tinoco

A empresária Tereza Tinoco lembra que como vivemos em um país tropical, nosso inverno é mais leve e, portanto, não tem dificuldade para escolher o que irá comprar para a loja. O foco é voltado para as novas cores, tecidos com aspectos invernosos, como o tweed, porém de algodão que é bem mais leve, couros, tanto naturais como fakes, dão um ar de inverno sem ficar muito quente, e sobreposições levinhas. A jaqueta bomber é super trend da estação, uma peça versátil e coringa. Pode ser usada sobre um vestido leve, calça e fica lindo com saia plissada e até shorts.





Augusto Bezerril

O jornalista de moda Augusto Bezerril também dá as suas dicas de moda para esta temporada no Nordeste brasileiro sob um sol de 30 graus.

Augusto inicia dizendo que há uma brincadeira entre os fashionistas, que “não existe elegância acima de 32 graus de temperatura”. Lógico que elegância existe. Mas algumas peças típicas do inverno ficam difíceis de usar, pelo menos levando-se em conta que inverno em Natal é chuva e neste caso é possível usar uma ankle boot ou bota de cano médio, o que é uma possibilidade se usada com um vestido leve.

Ainda olhando para o céu e pensando em chuva, vale contar com uma peça excelente, a parka: o comprimento na altura da coxa e a possibilidade de acinturar fazem do casaco um item elegante, além de providencial proteção para saia

ou calça. Vale lembrar que pode ser usada por mulheres ou homens. O cardigã é outro item ligado tradicionalmente ao inverno, com boa chance para a realidade natalense e pode ser usado em ambientes climatizados. Por ser de tricô podem ser guardados sem amassar. Outra possibilidade interessante são os agasalhos em moleton, com abertura de zíper, combinado a top cropped, saia lápis e um scarpin. É uma maneira classy de seguir a tendência esportiva.

Para Augusto, a cartela de cores é uma boa alternativa para quem quer entrar no clima invernal. “Gosto do branco associado ao cinza e acessórios prata. Misturar texturas, além de criar um efeito sofisticado, pode criar a possibilidade de usar materiais como veludo molhado, ou couro, em peças pontuais”.



Eveline Santos

A estilista e empresária potiguar Eveline Santos também comentou sobre as possibilidades de criar um inverno potiguar, sintonizada com o que se vê lá fora. Como empresária e estilista, entende que é preciso feeling para analisar cada detalhe, cada forma, cada cor mostrada tanto

nas passarelas do hemisfério norte, quanto nas principais semanas de moda no Brasil.

“É preciso refletir o que se encaixa no meu público alvo. Tipo: para onde vai nas horas de lazer, como costumam ser os seus eventos sociais etc. E pessoalmente considero como difícil

é ser criativo, pensando em custos, o que cabe no bolso do meu cliente, e ainda ter que impressionar tanto no aspecto estético da roupa e demonstrar um bom olhar mercadológico, adequado ao público que se busca atingir. Toda coleção para mim é um desafio, independente da estação”.

Vantagens de ter uma

CIE 2017:



Vantagens exclusivas que só a **VERDADEIRA** carteira estudantil garante a você, estudante!

- ✓ **A única com base na legislação federal**
- ✓ **Meia-entrada garantida por lei, nacionalmente**
Lei 12.933/2013 | Decreto 8.537/2015
- ✓ **Meia-passagem**
- ✓ **Segurança física e digital**
- ✓ **Descontos especiais em:**
Saúde, Educação, Alimentação, Lazer, Academias e Variedades

Faça já a sua. Acesse:
www.portaldouestudentenatal.com.br



(84)3216 - 8482



NatalCard



@natalcard



VÂNIA MARINHO

marinhovania@hotmail.com



Beleza pura

Na França, a nova legislação requer que revistas de moda sinalizem o uso de retoques em seus editoriais.



PÊSEGO

O mês de maio está recheado de novidades para a Givenchy. A marca lança a linha de Skincare L'Intemporeal e o Mister Radiant, que conta com blush, primer e bronzer.



PURA ARTE

Para festejar os 70 anos da maison Dior, o Musée des Arts Décoratifs em Paris apresenta uma grande retrospectiva com looks ícones da maison: "Christian Dior, couturier du Rêve". Toda a trajetória do estilista, seus grandes momentos na moda francesa, assim como looks de seus sucessores, Yves Saint Laurent, Marc Bohan, Gianfranco Ferré, John Galliano, Raf Simons e Maria Grazia Chiuri, serão apresentados na mostra.



La beauté transgenre

A modelo brasileira e cearense Valentina Sampaio, que é transgênero e foi capa da Vogue França continua causando frisson em todo o mundo. É bela e muito boa no que faz.

Chique



A ex-primeira dama dos Estados Unidos Michelle Obama vestiu peça da coleção de Spring 2017 da Diane Von Furstenberg no vídeo de divulgação para o College Signing Day 2017.

Viva tudo isso

♥ VIVA NATAL

*Viva onde as praias de águas mornas beijam o litoral.
Viva o pôr do sol no Parque da Cidade e o ar puro no
Parque das Dunas. Viva onde o Brasil inteiro tira férias e a
brisa agradável leva simpatia de um povo que quer paz.
Viva tudo isso. Viva Natal.*



vivanatal



vivanatal



Wellington Fernandes

Arquiteto

Email: wfarquitetura@yahoo.com.br

Charme interior

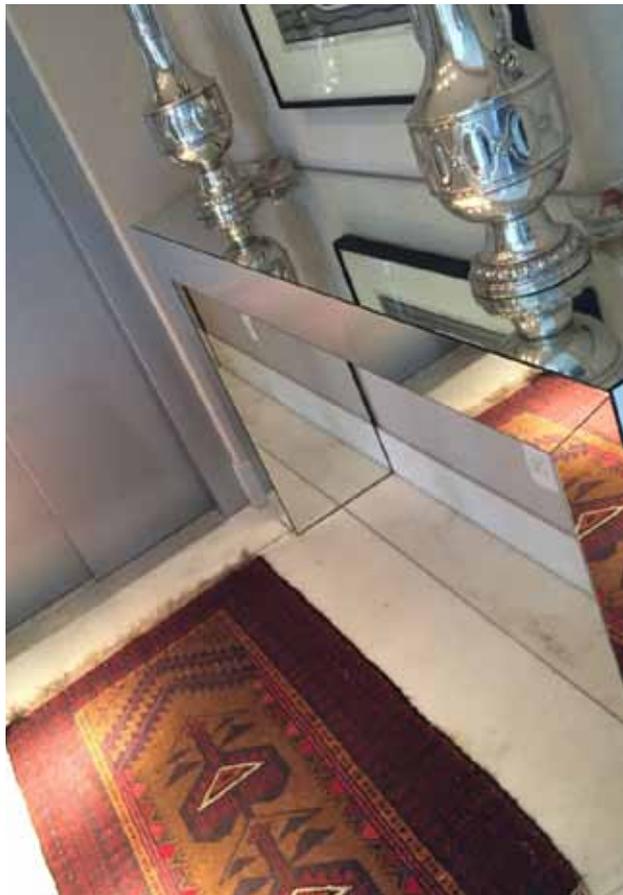
Arquitetas Daniela Othon e Ingrid Maciel investem em luz e ventilação naturais em projeto para apartamento de casal



A IDEIA DE INTEGRAÇÃO foi o que norteou o projeto das arquitetas Daniela Othon e Ingrid Maciel para este apartamento. Paredes foram retiradas para que todas as salas tivessem seus espaços delimitados apenas pelos móveis. Dessa forma, os ambientes ficaram bem definidos mantendo o conceito de amplidão, o que era desejo dos proprietários. Um fator de grande importância foi a utilização de luz e ventilação naturais, o que evita o desperdício de energia e gera maior conforto térmico.

Como o ambiente é bem espaçoso, os móveis seguem a mesma linha. São peças que ocupam bem os ambientes de forma adequada e oferecem charme e personalidade ao conjunto. Os materiais foram escolhidos para oferecer ao jovem casal a sensação de bem-estar e aconchego. Assim, a madeira foi eleita o material de destaque, presente em todo o espaço. O uso do couro imprime personalidade marcante. A combinação do piso de mármore branco e o tom da madeira deixa o apartamento contemporâneo e sem excessos, destacando as peças de decoração adquiridas (a maioria em antiquários). Ao todo, a área de 75 m² reúne sala de estar, jantar, hall de entrada e home theater.





As criadoras

Daniela e Ingrid são formadas pela Universidade Potiguar (UnP). Daniela tem 15 anos de experiência no mercado potiguar e pós-graduação em design de interiores. Ingrid ingressou em cursos na área de interiores. Além da formação acadêmica, arquitetura é uma profissão na qual o arquiteto adquire experiências através das vivências, do dia a dia, do olhar em relação a tudo o que vê e o que sente.

Para melhor empregar os recursos que são lançados no mercado, as arquitetas apostam nas novas tendências de tecnologia, materiais e design. Estão sempre presentes em feiras nacionais, como a Casa Cor, Revestir e feiras internacionais como a de Milão, na Itália, que é uma das mais conceituadas do mundo.



As arquitetas Daniela Othon e Ingrid Maciel



OCTÁVIO SANTIAGO

octaviosantiagoneto@hotmail.com

Pecados toscanos

A CATÓLICA ITÁLIA POSSUI UMA REGIÃO ONDE É DIFÍCIL NÃO PECAR. PAISAGENS CAMPESTRES, HERANÇAS RENASCENTISTAS E MEDIEVAIS E UMA DAS GASTRONOMIAS MAIS RICAS DO PAÍS JUSTIFICAM A INTENSA BUSCA DOS TURISTAS PELA TOSCANA. DE CARRO, EM QUATRO DIAS, É POSSÍVEL CONHECER SETE DAS SUAS CIDADES E COMETER TODOS OS PECADOS NUMA ÚNICA VIAGEM.

Gula

Na pequena Cortona, o desejo insaciável por comida e bebida encontra estímulo no La Loggetta. A casa oferece massas caseiras, caças e vinhos da região.



Avareza

O apego excessivo aos gelatos tem lugar entre as 14 torres medievais de San Gimignano. A Dondoli coleciona títulos de "os melhores do mundo".



Luxúria

A incitação ao desejo passional pelo prazer de beber vinho fica por conta de Montalcino. É lá que são produzidos os seus famosos tintos Brunellos.



Ira

Quando a corrida termina, é difícil não manifestar euforia ou ódio, a depender do resultado. O Palio tem 400 anos de tradição e movimentação Siena no verão.



Inveja

É impossível passear por Florença e não desejar o que pertence, todos os dias, aos florentinos. Com a vista da Piazzale Michelângelo, atinge-se o ápice.



Preguiça

As praças e ruas de Arezzo são um convite ao ócio. A quietação só é abalada pelos encontros por acaso com os cenários do filme A Vida é Bela.



Soberba

Em Pisa, as muitas selfies com a sua famosa torre inclinada como pano de fundo justificam o incentivo a este pecado muito ligado à vaidade.





CUIDANDO DE VOCÊ, A GENTE OLHA PARA O FUTURO.

Cuidar vai além de cumprir metas. Significa ensinar a lição hoje, investindo num amanhã melhor para quem está começando. Cuidar é zelar pela cidade, amparar os que mais precisam, fazendo de tudo para proteger a qualidade de vida de cada pamamirino.



**PREFEITURA MUNICIPAL DE
PARNAMIRIM**

Cuidando de você.

TILINTARES

Fotos Paulo Lima/Brasília

Com happy hour em seu apartamento triplex na capital federal, o renomado advogado Estenio Campelo festejou aniversário entre a família e os bons amigos. De presente, pediu aos convidados fraldas descartáveis tamanho adulto, para serem doadas ao Lar dos Velhinhos. Ocasão com delicioso jantar assinado por Carlitos Buffet, regada a champanhe e boa música.



Renan, o aniversariante e a esposa Ana Cristina Campelo



Carlos e Maria Helena Motta



Marcelo Feitosa, Andréa Feitosa Campelo, Estenio, João Gabriel e Ana Cristina Campelo



Família Campelo



Entre irmãs e irmãos



Alexandre Fabre, Carla Limongi,
Carol Frota e Guilherme Campelo



Leila Brito e o
ministro Brito Pereira



Estenio com a bela equipe feminina da
Campelo Bezerra Advogados Associados

PRESIDENCIAL

Fotos: Paulo Lima/Brasília

As portas da bela casa do Lago Sul, em Brasília, foram abertas para a comemoração aos 87 anos do senador José Sarney, entre familiares, amigos e políticos. Recebeu com sua peculiar cordialidade.



O aniversariante observa o cumprimento entre o presidente Michel Temer e a filha Roseana Sarney



Sarney recebe o senador Garibaldi Alves Filho



Presidente Michel Temer e Vandira Peixoto



Netas do aniversariante, Bia, Ana Clara, Ana Teresa e Adriana Sarney



Senadora Kátia Abreu, Adriano Sarney e Iana Abreu



Ministro Ives Gandra, Hugo e Leda Napoleão, ministro Sarney Filho



Senador Romero e Rosilene Jucá



Entre Agaciel Júnior e o deputado distrital Agaciel Maia



DISTRIBUIDORA POTENGI

Distribuidora da revista BZZZ



A Distribuidora Potengi procura sempre buscar qualidade no seu atendimento ao cliente, tornando-se assim uma empresa com diferencial em relação a sua concorrência, aliando qualidade no atendimento e no despacho das mercadorias. Existe ainda o fator da agilidade das entregas, o que agrada a sua clientela, tornando-a leal à empresa.



TAMBÉM FAZEMOS PARTE DA SUA BOA INFORMAÇÃO

Entregas de jornais, revistas, folders e mala direta; Documentos em geral;
Malotes bancários; Entregas protocoladas; Pequenas encomendas;
Ensacamento em revista (shrink); Entregas de lanches e almoço
Serviço com motoboy fixo na sua Empresa

☎ Contatos (84) **3653.6952**
99161.3716 | 98732.6952
distribuidorapotengi@uol.com.br

REINADO EM NATAL

Fotos: João Neto

A Destaque Promoções, idealizadora e realizadora do Carnatal, o maior carnaval fora de época do Brasil, completa 30 anos de fundação. Para comemorar, uma extensa agenda de muitos e concorridos eventos. Entre eles, o show de Roberto Carlos, que levou um dos seus maiores públicos para a Arena das Dunas, em noite de muitas emoções. O sucesso contou com a parceria da DC Set Promoções, Destaque e Viva Promoções.



Diretor da Destaque, o empresário Roberto Bezerra festeja o sucesso de reinado



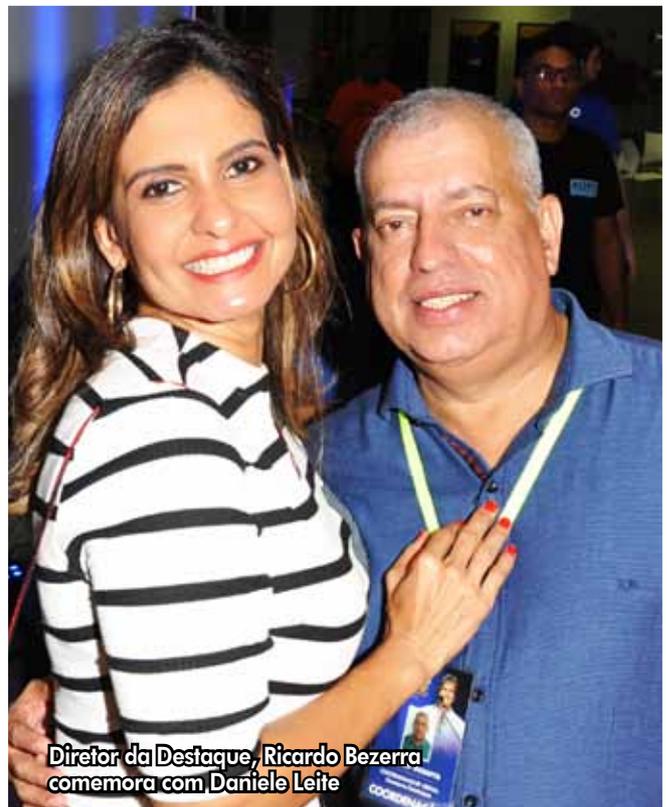
O rei entoa suas emoções



Vice-prefeito de Natal, Álvaro Dias e Amanda Grace



Casal-chíquimo Denise e Arnaldo Gaspar, que foram recebidos no camarim por RC



Diretor da Destaque, Ricardo Bezerra comemora com Daniele Leite



A Arena das Dunas ficou completamente lotada



Presidente da Câmara Municipal de Natal, Ranieri Barbosa e Karla Veruska



Lais Batista e Marcelo Toscano



Tânia Salustino e Cleto Barreto



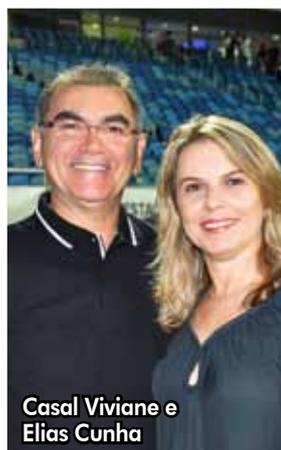
Deputado Hermanno Morais e Suely Silveira



Claudinha veio do Porto curtir o show com a mãe Máisa Ferreira de Souza



Thayanne Flor e Bruno Macedo



Casal Viviane e Elias Cunha



Raissa e Christiano Couceiro



Gunar e Ricardo Barro



CONSTRUÇÃO SE PREPARA PARA RETOMAR CRESCIMENTO

O pior já passou. Esta frase resume hoje o sentimento da construção civil. Depois de dois anos difíceis, como atestam todos os indicadores, o setor se prepara para voltar a crescer. Devemos ter alguma melhora este ano, mas retomada mesmo, só a partir de 2018.

A nossa preocupação continua sendo com a falta de lançamentos, o que se reflete diretamente na geração de emprego e renda. Menos obras, menos mão-de-obra empregada e menos impostos arrecadados para estado e município, que reduzem investimentos em saúde, segurança e educação. Quando a roda da economia trava todos perdem.

A crise, contudo, não alterou a velha e imutável lei da oferta e da procura. Com menos dinheiro circulando, o medo do desemprego e a falta de confiança na economia, as vendas caíram e junto com elas os preços. Ótimo para os consumidores, que estão podendo adquirir imóveis por preços, muitas vezes, abaixo do custo.

Se por um lado isso beneficia o consumidor, por outro dificulta os lançamentos, que se tornaram inviáveis devido aos preços praticados hoje pelo mercado imobiliário, abaixo dos custos.

O crescimento da construção civil, contudo, está intrinsecamente ligado à performance mais ge-

ral da economia do país, que por sua vez depende da aprovação das reformas em curso.

A aprovação das reformas, que consideramos imprescindíveis para o país, aliada a queda da inflação e dos juros, trarão de volta a confiança de investidores e consumidores, equação primordial para a retomada do crescimento.

Uma retomada que poderá ser ainda mais consistente se a burocracia e a insegurança jurídica forem levadas a níveis civilizados. Os efeitos desses dois fatores, ao longo dos anos, têm sido desastrosos para o nosso segmento e para o Estado.

Infelizmente, essa falta de sensibilidade e bom senso têm levado muitos empresários a preferir investirem outros estados. Como tem reiterado em entrevistas o empresário Flávio Rocha, o Rio Grande do Norte é um estado hostil aos empreendedores e empreendimentos.

É lamentável e doloroso vermos estados vizinhos se desenvolvendo e o Rio Grande do

Norte ficando para trás por conta de uma mentalidade atrasada e tacaña, que vê o empresário como inimigo. Esperamos que esse tempo, junto com a crise, tenha ficado definitivamente para trás.

A hora é de reconstruir o nosso país. Vamos trabalhar que a luta é grande.

“
É lamentável e doloroso vermos estados vizinhos se desenvolvendo e o Rio Grande do Norte ficando para trás por conta de uma mentalidade atrasada e tacaña, que vê o empresário como inimigo.”

COM UM OLHAR MAIS MODERNO,
AMPLIAMOS A NOSSA VISÃO.



CÂMARA MUNICIPAL DE NATAL

A CASA DO POVO, A SUA CASA.

A Câmara Municipal de Natal está mais moderna e pronta para acompanhar as grandes mudanças e desafios da nossa cidade. Com uma nova identidade visual, a CMN se aproxima ainda mais da população através de novas ferramentas, como um site interativo, portal da transparência, e-SIC, ouvidoria e nova programação da Rádio e TV Câmara.

Não importa quantos,
ela **CUIDA E PROTEGE**
da mesma forma!

Mãe. Modelo maior de carinho,
amor e proteção. Um exemplo
que seguimos todos os dias, em
nome do autêntico
Cooperativismo.

Uma homenagem

UNICRED 
NATAL/RN

unicrednatal.com.br | (84) 4009.3535